

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUCAS BATISTA BARCELOS

**FUTEBOL OPERÁRIO E IDENTIDADE SOCIOESPACIAL: USINA PARAÍSO,
PARAÍSO FUTEBOL CLUBE E SUA COMUNIDADE**

Campos dos Goytacazes - RJ

2019

LUCAS BATISTA BARCELOS

**FUTEBOL OPERÁRIO E IDENTIDADE SOCIOESPACIAL: USINA PARAÍSO,
PARAÍSO FUTEBOL CLUBE E SUA COMUNIDADE**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, *campus* Campos-Centro, como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Gustavo Siqueira da Silva

Campos dos Goytacazes - RJ

2019

Biblioteca Anton Dakitsch
CIP - Catalogação na Publicação

B933f Barcelos, Lucas Batista
FUTEBOL OPERÁRIO E IDENTIDADE SOCIOESPACIAL: USINA
PARAÍSO, PARAÍSO FUTEBOL CLUBE E SUA COMUNIDADE /
Lucas Batista Barcelos - 2019.
76 f.: il. color.

Orientador: Gustavo Siqueira da Silva

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campus Campos Centro,
Curso de Licenciatura em Geografia, Campos dos Goytacazes, RJ, 2019.
Referências: f. 55 a 58.

1. Futebol. 2. Usina. 3. Identidade. I. Siqueira da Silva, Gustavo, orient.
II. Título.

LUCAS BATISTA BARCELOS

**FUTEBOL OPERÁRIO E IDENTIDADE SOCIOESPACIAL: USINA PARAÍSO, PARAÍSO
FUTEBOL CLUBE E SUA COMUNIDADE**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Fluminense como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.

Aprovada em 29 de outubro de 2019.

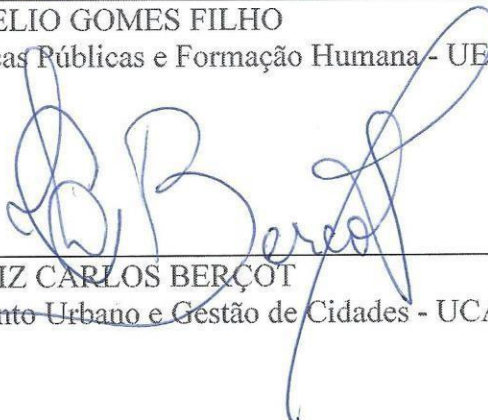
Banca Avaliadora:



GUSTAVO SIQUEIRA DA SILVA (Orientador)
Mestre em Geografia - UFSM



HELIO GOMES FILHO
Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana - UERJ



LUIZ CARLOS BERÇOT
Mestre em Planejamento Urbano e Gestão de Cidades - UCAM

Dedico este trabalho a todos amantes do futebol e a todos interessados em desvendar a história econômica de nossa região, a qual sofre sérios descasos do poder público.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal Fluminense *Campus* Campos Centro, pelo suporte institucional.

A todos os meus professores presentes em minha trajetória. Sem exceção. Porém em especial ao meu orientador Gustavo Siqueira da Silva, pela paciência e cumplicidade durante a maior parte da graduação. Sem esquecer dos professores Marcos Abraão Fernandes Ribeiro e Sérgio Rangel Risso, os quais me deram oportunidade na iniciação científica, a qual se tornou uma prática importante durante os anos que passei pelo IFF; Livia Pierrote e Luís Carlos Berçot, por terem cedido suas aulas nas turmas do Ensino Médio para a minha realização do estágio curricular e Roselene Affonso e Luís Felipe Umbelino enquanto coordenadores que me acudiram nos meus últimos momentos enquanto discente. Sobre os professores do Ensino Básico, gratidão ao Cristiano José Pluhar, que serviu de referência logo no Ensino Fundamental (se hoje estou aqui, foi porque o vi na frente de um quadro de giz. Talvez escolheria outro caminho se este não tivesse lecionado para mim).

A Renato Miranda (pelos conselhos e transmissão de sabedoria), José Rafael, Edimar, Míriam Viana, Silvana Falquer, Rosânia Barreto, Jair Pereira, Cristiane Rezende e aos demais amigos e colegas de graduação que me apoiaram.

Agradeço ao meu alicerce: meus pais Gildineia e Neilson, por todo o apoio durante esta empreitada. Sem eles, nada disso seria possível. Também agradeço a todos meus familiares (tios e primos) que, de uma forma ou outra, contribuíram para a minha trajetória. Principalmente a Eduardo, o qual herdei a paixão pelo futebol graças aos seus “causos” contados para mim desde a infância, e Maria Auxiliadora, pelas ajudas técnicas finais.

Aos amigos Cláudio Tadashi (residente no Japão), Gabriel Torres e Gabriel Cunha, proporcionados por via da paixão em comum pelo futebol e nos escritos do blog Viva La Resenha.

A Arthur Alves, que carrego junto desde o Ensino Médio, compartilhando gostos como o futebol, a música, política e a cerveja.

A Wesley Machado, amigo e jornalista, o qual me serviu como inspiração direta nos estudos sobre o futebol. Se hoje estou aqui, é porque seu livro “Saudosas Pelejas” me atentou para a possibilidade de entender o futebol além do campo e bola.

A todos os companheiros das arquibancadas ao longo desses anos, seja no Aryzão ou no Maracanã (entre eles, Augusto Sopa, por me apresentar determinadas obras sobre o futebol em Campos dos Goytacazes).

A todos os entrevistados que concederam um pedaço de seus tempos para me auxiliar na pesquisa.

Sem deixar, também, de agradecer a Deus, nosso Pai Celestial, por ter me guiado em todos os momentos que precisei.

”Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”
Francisco de Assis França a.k.a. Chico Science

RESUMO

Cunhado como clube mais antigo dentre os formados no seio das usinas de açúcar de Campos dos Goytacazes, o Paraíso Futebol Clube de Tócos representa a sua localidade no que tange a memória do futebol campista. Dessa forma, o objetivo do trabalho foi contribuir com a Geografia através dos estudos futebolísticos, além de analisar as relações de identidade local presente em Tócos em consonância entre os moradores do distrito, o Paraíso Futebol Clube e a Usina Paraíso. Para isso, foram realizadas leituras bibliográficas sobre a temática do futebol, da economia do Norte Fluminense e sobre a história do clube e da usina supracitados, além de entrevistas exercidas com moradores e comerciantes de Tócos, funcionários e ex-funcionários da Usina Paraíso, diretores, ex-diretores e pessoas que já atuaram no Paraíso Futebol Clube. Os resultados evidenciam que ainda há essa associação simbólica e identitária dos moradores do Distrito de Tócos entre a tríade posta em cheque no trabalho, embora alguns indivíduos afirma que esta questão apenas é marca pretérita.

Palavras-chave: Futebol; Usina; Identidade

ABSTRACT

Coined as the oldest club among the graduates of the Campos dos Goytacazes sugar mills, Paraíso Futebol Clube de Tócos represents its location with regard to the memory of camper soccer. Thus, the objective of the work was to contribute to geography through soccer studies, and to analyze the local identity relations present in Tócos in consonance between the residents of the district, Paraíso Futebol Clube and Usina Paraíso. To this end, bibliographic readings were made on the theme of football, the economy of the North Fluminense and the history of the club and plant mentioned above, as well as interviews with residents and traders of Tócos, employees and former employees of Usina Paraíso, directors, former directors and people who have worked at Paraíso Futebol Clube. The results show that there is still this symbolic and identity association of the residents of the district of Tócos between the triad put in check at work, although some individuals claim that this issue is only a past mark.

Keywords: Soccer; Power plant; Identity.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Usinas na região Norte Fluminense	33
Figura 2 - Vista aérea da Usina Paraíso.....	41
Figura 3 - Entrada da Usina Paraíso.	42
Figura 4 - Vista aérea do Estádio Benedito Silveira Coutinho.....	45
Figura 5 - Fachada da tribuna.....	46
Figura 6 - Matéria do título do Paraíso Futebol Clube no Jornal dos Sports	46
Figura 7 - Vista da Usina Paraíso direto do estádio do Paraíso Futebol Clube.....	47

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Produção de açúcar em Campos dos Goytacazes (1830 - 1910)..... 32

Tabela 2 - Setor de subsistência em Campos (1785)..... 32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUTEBOL, TERRITÓRIO E ESPAÇO	15
2.1 Futebol e Imperialismo Britânico no século XIX.....	15
2.2 Geografia, próteses e mecanização do território.....	23
2.3 Geografia dos esportes.....	27
3 MOENDAS E CHAMINÉS: A IMPORTÂNCIA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES NA ECONOMIA REGIONAL (SÉCULO XVI - FINAL DO SÉCULO XX).....	30
3.1 Economia colonial e escravista no Norte Fluminense (século XVI - século XIX)	30
3.2 A Era das Usinas (início século XX - anos 70)	33
3.3 Entre máquinas e campos de bola.....	36
4 A BOLA ROLA E A USINA MÓI EM TÓCOS	41
4.1 Usina Paraíso	41
4.2 Paraíso Futebol Clube.....	44
4.3 Usina, cancha, distrito e identidade socioespacial.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXO.....	59

1 INTRODUÇÃO

Quem vê os três clubes (ativos) de Campos dos Goytacazes disputando certames estaduais e nacionais talvez não imagina que o município foi celeiro de equipes operárias num passado não tão distante assim, e, conseqüentemente, de um campeonato citadino bastante movimentado em molde profissional. Tais equipes foram oriundas de união entre trabalhadores de usinas de açúcar, as quais formaram a base econômica do município do final do século XIX até os fins do século XX, pondo Campos enquanto expoente econômico regional devido à alta produtividade no setor sucroalcooleiro.

Dentre este universo de galpões, máquinas e campos de futebol surgiu o Paraíso Futebol Clube em 1917, formado pelos trabalhadores da Usina Paraíso de Tócos, sendo considerado o mais longevo clube de usina no município, tendo disputado o Campeonato Campista e se encontrando em situação de amadorismo desde o fim do modelo profissional do certame citadino - concomitante ao declínio da atividade sucroalcooleira em Campos e região.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho se faz em contribuir com a Geografia utilizando o futebol enquanto objeto de estudo, com suas relações econômicas e de identidade socioespacial presentes no espaço geográfico.

Em termos de objetivos específicos, houve a necessidade de: observar o futebol a partir da questão técnica e industrial; entender a relevância produtiva do município de Campos dos Goytacazes na economia sucroalcooleira e analisar a existência das relações de identidade local entre moradores/indivíduos oriundos do distrito de Tócos, o Paraíso Futebol Clube e com os funcionários da usina.

Para tal, enquanto método científico utilizou-se o materialismo histórico por via do meio-técnico-científico-informacional proposto por Milton Santos e a questão da fenomenologia do lugar, intermediados por uma interdependência dialética entre economia e cultura alicerçado na ciência marxista.

Como metodologia, foi utilizada a leitura bibliográfica para levantar as informações pontuais sobre os determinados assuntos que englobam o trabalho (futebol, economia sucroalcooleira, Usina Paraíso e Paraíso Futebol Clube), entrevistas com moradores de Tócos, atuais e antigos funcionários da Usina Paraíso, ex-atletas e diretores do Paraíso Futebol Clube e a análise de discurso, para aglutinar as falas ao referencial teórico.

O trabalho foi dividido em três partes, as quais variaram em discutir o futebol enquanto uma manifestação cultural originada e difundida graças a empreendimentos econômicos até abordar a questão do Paraíso Futebol Clube de Tócos.

Desse modo, a fim de entendimentos prévios sobre o trabalho, na primeira parte abordou-se a origem do futebol no Brasil e na Argentina, as duas maiores escolas do futebol sul-americano, relacionada às atividades industriais e educacionais no final do século XIX em virtude de sua faceta espacial.

Na segunda foi exercido um estudo sobre a economia sucroalcooleira em Campos dos Goytacazes, buscando seus primórdios que remontam ao Período Colonial até o período que marca o seu declínio.

Por fim, a terceira expõe a história do Paraíso Futebol Clube, da Usina Paraíso e a relação entre as duas instituições a luz de questões identitárias acerca do lugar (o distrito de Tócos).

2 FUTEBOL, TERRITÓRIO E ESPAÇO

O futebol é, além de mera prática esportiva, uma instituição e também um fenômeno social. Dessa forma, faz-se como um grande terreno fértil o qual possibilita uma riquíssima imersão das Ciências Humanas, seja a fim de abordá-lo enquanto prática cultural de determinados torcedores, seja a sua temporalidade ou sua manifestação no espaço geográfico, considerando-se esta última dimensão na condição de objeto do capítulo. Pelo viés geográfico, a análise do “esporte bretão” consiste no enfoque nas mais variadas escalas e em determinados âmbitos, estejam eles relacionados às questões urbanas, à globalização, à Geopolítica, à Geoeconomia, da identidade cultural entre atores que vivenciam tal esporte enfim, dentre outros campos da Geografia.

Nesse capítulo, são apresentados alguns panoramas referentes ao futebol e sua abordagem pelas lentes da Geografia. No primeiro tópico, discorreu-se sobre a contextualização da adoção do futebol no Brasil e na Argentina em meio às atividades econômicas exercidas no continente sul-americano. Já no segundo, foi executada uma discussão teórica em face da manifestação do esporte supracitado no espaço geográfico. E, por fim, é ressaltado o modelo de análise geográfico acerca dos esportes por variadas matizes e discussões.

2.1 Futebol e Imperialismo Britânico no século XIX

Abordar os primórdios do esporte bretão no território brasileiro obedece à correlação deste com a presença inglesa no território nacional pelos idos do final do século XIX, período no qual o Brasil e os países vizinhos mantinham relações econômicas com a Inglaterra, sobretudo no âmbito da atividade ferroviária e industrial.

Bancos estradas de ferro, companhias de mineração, de transporte urbano, de iluminação a gás, de telégrafo, de cabotagem, de seguros – com estes fios tecer-se a dominação inglesa do mundo, durante cem anos. Da Índia, da Austrália, da Rodésia (atual Zimbábwe), do Canadá, do Brasil – de todos os pontos do globo – foram carregadas para Londres as riquezas que os nativos produziam sob o comando dos gerentes ingleses. A este fenômeno é que chamamos de imperialismo (SANTOS, 1981, p. 13).

A origem do futebol no Brasil está entrelaçada no âmbito do Imperialismo Britânico, período no qual a Inglaterra se inseriu hegemonicamente na economia mundial entre o início do século XIX até idos do século XX. E o período que o futebol foi introduzido no território brasileiro reflete exatamente o tempo dessas expedições, nas quais os bretãos se incumbiram de propagar o seu potencial industrial, comercial, financeiro e dos costumes ao redor do mundo, na Ásia, África e nas Américas.

Toda a ação imperialista é parte integrante das expedições inglesas ao longo do planeta, com a intenção de conquistar territórios em várias partes do globo para dar continuidade à expansão do modo de produção capitalista no Ocidente, impulsionado pela ideia do livre comércio e alcance de novos mercados (PASSETTI, 2016).

Basta lembrar que no tal período o qual a Inglaterra lançou seus tentáculos em outras terras, a Revolução Industrial já se encontrava em sua segunda fase: para além da indústria têxtil, nesse pedaço da história novos modelos de capitais estavam em desenvolvimento, como, por exemplo, as indústrias ferroviárias e de gás.

Dessa forma, no século XIX, a Inglaterra se afirmara enquanto potência industrial/comercial dominante, o que permitiu aos britânicos o poder de organizar o sistema internacional e tecer o domínio do comércio ultramarino, fazendo-se assim também a vantagem de influenciar na política interna dos determinados países os quais foram incorporados ao processo imperialista.

Porém, o imperialismo britânico também ofereceu influências no âmbito das práticas e costumes ingleses, para além da questão material e industrial. Mascarenhas (2014, p.49) diz que não foram apenas os produtos da poderosa indústria inglesa que se aportaram por aqui. “...mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre os quais a prática esportiva, principalmente a partir de 1850”.

A contribuição inglesa não se restringiu ao campo da infraestrutura. A vida dos brasileiros recebia, dia a dia, interferências que mudariam hábitos e costumes [...] a leitura de publicações traduzidas do inglês, a importação de artigos de uso doméstico (como talheres e louças), itens de vestuário (tecidos e chapéus), itens alimentícios, e até os modelos mais modernos de carruagens são contribuições inglesas. [...] os ingleses como introdutores “do fato branco, do chá, do pão de trigo, da cerveja e depois do whisky, do gim, do rum, do bife com batatas, do rosbife, da costeleta de carneiro, do pijama de dormir” (TAVARES; COLVERO, 2015, p.5)

Interessante notar o termo “civilizadores”, de acordo com o período histórico, visto que o Brasil passava por uma fase de transição estrutural a reboque dos acontecimentos ocorrentes no Velho Mundo, englobados nas esferas política, econômica e cultural. Nessa seara, a República ainda dava seus primeiros passos. Quanto ao aspecto econômico, introjetava os primeiros lampejos de industrialização após longos séculos inseridos no modelo agroexportador, nos ditames da Segunda Revolução Industrial a qual ocorreria na Inglaterra, fazendo com que surgisse um modelo de burguesia em Terra Brasilis mancomunada com os interesses internacionais (COSTA, 1999).

Em se tratando da associação entre o imperialismo e da presença inglesa no Brasil, podemos conceber que as duas questões estão umbilicalmente associadas à origem do futebol.

E para averiguar sobre o advento do futebol no Brasil, a historiografia aponta Charles William Miller, filho do engenheiro escocês John D'Silva Miller - funcionário da São Paulo *Railway Company* -, enquanto o principal difusor do esporte bretão em terras brasileiras. Charles Miller voltou da Inglaterra, em 1894, trazendo de lá todos os materiais necessários para a prática do *football association*, “dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, umas bombas de ar, um livro de regras e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares.” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.60). E por seu intermédio, a primeira partida de futebol no Brasil aconteceu em 14 de abril de 1895, entre o The São Paulo Gaz e São Paulo Railway Company¹ – equipes da companhia de gás e ferroviária, respectivamente -, na Várzea do Carmo, em São Paulo. Por esse motivo, a “capital do café” recebeu a primazia da difusão do futebol no país.

Contando que o futebol não dependeu somente de um único ponto no território para se difundir, a atividade esportiva surgiu como novidade em várias capitais no Brasil que tinham ligação com o exterior. No Rio de Janeiro, Capital Federal, Oscar Cox trouxera da Suíça uma bola e as regras do novo esporte para a eventual prática, isso no ano de 1897. No Paraná, Charles Wright, inglês e funcionário da ferrovia é considerado o introdutor do futebol. Já em Fortaleza, é oficialmente reconhecida uma partida entre um grupo local contra a equipe da The Gaz Company. Em Salvador, o primeiro clube campeão baiano tinha seu plantel formado por ingleses na totalidade (MASCARENHAS, 2014). Nota-se uma presença maciça de britânicos nos primeiros tempos do futebol no Brasil, a qual Pereira (2000, p. 27) ressalta, quando afirma que:

[...] os ingleses transformavam-se, assim, em grandes difusores do novo jogo. Fosse associando-se a clubes da colônia, fosse levando-o para os seus locais de trabalho, participavam de maneira decisiva (embora não solitária) do processo de difusão do futebol no Brasil, constituindo-se um de seus agentes principais.

Conforme tal difusão não obedeceu a uma lógica comum em várias cidades do território brasileiro, o futebol somente vingara de forma mais veemente nos centros urbanos nos quais eram imbuídos de modernização, nos quais se constavam novos índices de infraestrutura, lampejos de industrialização e, claro, novos costumes no âmbito da vida social, como por exemplo, na luta política, na economia, na música e nos serviços de lazer (SANTOS, 1981).

Em se tratando destas tais mudanças no fim do século, São Paulo foi o centro no qual o futebol se desenvolveu exponencialmente, de modo simultâneo à sua função de grande produtor cafeeiro nacional. Sendo assim, podemos perceber que a primazia do futebol paulista e o seu êxito são correlatos com os impactos que a cidade sofrera na virada do século XIX, os quais se

¹ Vale notar a influência inglesa na difusão do futebol no Brasil, por meio do imperialismo, em dois quesitos: clubes formados por operários ingleses e no vocabulário futebolístico da época, tanto nos nomes dos times quanto nas regras e posições (*central back, half, corner*).

explicam na questão demográfica e no avanço dos transportes, mais precisamente no aprimoramento do setor ferroviário o qual estava em consonância com a economia cafeeira.

É fato que qualquer instituição social está posta para alguma camada classista da sociedade e não foi diferente com o futebol. Transplantado para o Brasil, o esporte fora difundido por aqui no seio da classe dominante, o que deu a famosa chancela de “prática esportiva elitista”, ou como explica Franco Júnior (2007, p.62), “a formação de equipes no interior dos grupos dominantes, orientada pelos valores do cavalheirismo, do *fairplay* e do amadorismo”.

De início, o futebol era praticado nas firmas inglesas por parte dos trabalhadores ou em clubes aristocráticos, o que fez com que tal esporte fosse praticado nas altas franjas sociais. No Rio de Janeiro, Fluminense (1902) e América (1904) servem como exemplo. Já em São Paulo, o São Paulo Athletic Club ilustra essa distinção socioeconômica inserida no futebol (PRONI, 1998, p. 195; MASCARENHAS, 2002).

E como decorrer desse segregacionismo, ligas eram criadas para distanciar os clubes populares dos clubes “grã-finos”, conforme ocorreu em São Paulo, isso no ano de 1902 com criação a Liga Paulista de Football, assim como no Rio de Janeiro, em 1905, com a Liga de Metropolitana de Football (MASCARENHAS, 2002; 2008). Percebe-se que tal iniciativa é reflexo da sociedade dessa época, marcada por profundo índice de segregação sociorracial.

Mas, a história não é somente construída de cima para baixo. Com o tempo, o futebol fora se tornando um esporte de cunho popular, pela facilidade de sua prática ou por curiosidade dos mais pobres.

Como a uma criança que se manda brincar para “queimar energias”, os operários foram, então, mandados para jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos (SANTOS, 1981, p.22)

Além da prática dos cidadãos comuns, clubes foram criados nas camadas populares como forma de afronta às elites, tanto no âmbito social quanto no racial. Franco Júnior (2007, p. 63) explicita que:

As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pela urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910).

Não é menos relevante o papel desempenhado pelos centros educacionais na difusão do novo esporte, tanto as escolas religiosas quanto as universidades. Segundo Mascarenhas (2014), tais instituições também mantinham redes com o exterior através de Colégios cristãos, como, por exemplo, em Nova Friburgo (RJ, Colégio Anchieta), em Itu (SP, Colégio São Luiz) e em Santa Maria (RS) num colégio marista. Quanto às universidades, coube aos bacharéis – pertencentes às classes mais abastadas – que retornavam da Europa com apetrechos destinados à prática do futebol, pois havia certa escassez de estabelecimentos de ensino superior no Brasil, sendo dois no Rio de Janeiro e São Paulo, Recife e Salvador com um.

Desse modo, entende-se que não havia uma conformação espacial integrada pelo território brasileiro, no qual Rio de Janeiro e São Paulo tomavam o protagonismo e eram as cidades com maior influência de informação e atividade econômica.

Em síntese, quando o futebol inicia sua larga difusão planetária (1880-1900), encontra-se no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana: menos de um décimo da população brasileira vivia em cidades em 1900. Segundo Milton Santos, “o Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por sua relação com o mundo exterior” (1993, p. 26). O autor afirma que a mecanização do território nacional a partir de meados do século XIX aumentou a fluidez interna, mas somente a partir de 1930 o território conheceria o início de sua integração efetiva, com uma urbanização cada vez mais envolvente. A adoção do futebol acompanha, em grande medida, essa lógica territorial em evolução (MASCARENHAS, 2014).

Não somente o Brasil foi receptor do futebol no bojo das transformações sociais decorrentes do imperialismo britânico, mas também a Argentina e nos outros países vizinhos os quais sofreram uma maior influência inglesa no âmbito cultural por conta dos empreendimentos desenvolvidos na América do Sul. Bethell (1995) denomina o período como o “século inglês na América Latina”, pelo fato de o continente ter sofrido uma significativa influência britânica em determinado evento histórico devido a alguns aspectos da conjuntura imperialista.

Podemos contar com o fato de que, naquele período, o próprio imperialismo britânico reluziu no processo de formação de cada Estado-Nação sul-americano, o qual aos poucos ia se convertendo das amarras coloniais ao republicanismo do século XIX. A emancipação política brasileira cabe de exemplo prático, por conta de a abolição da escravatura e a transição da Monarquia para a República sofrerem influência da Inglaterra por incumbência do desenvolvimento do capitalismo e pelo fato de tal modo de produção se encontrar em fase de expansão por novas terras, o que vai de encontro às relações diplomáticas firmadas entre o governo imperial e a burguesia inglesa, a qual mantinha interesses econômicos e de incentivo aos “movimentos emancipatórios latino-americanos” (MAGALHÃES, 1972, p.469; COSTA, 1999).

Todo esse cenário vem à tona pelo poderio naval da Grã-Bretanha no referido século enquanto uma nação hegemônica e imbatível, o que faz com que o famoso título de “Rainha dos Mares” não seja algo em vão, pelo motivo de os britânicos lançarem domínio no mundo por conta das atividades marítimas no âmbito econômico, político e territorial (ARRUDA, 2008, p. 24).

Bethell (1995, p. 271) também utiliza o termo “a primeira nação industrial, a oficina do mundo”, para definir os tentáculos da Inglaterra com a América Latina, enquanto a capital Londres se apresentava na condição de cidade mais importante na hierarquia da incipiente rede urbana mundial:

a Inglaterra, a primeira nação industrial, a oficina do mundo, fornecia a maior parte dos bens manufaturados e de capital para a América Latina. A cidade de Londres, principal fonte de capital do mundo, era responsável pela maioria dos empréstimos concedidos aos novos governos da América Latina e pela maior parte do capital investido na infraestrutura (sobretudo estradas de ferro), agricultura e mineração da América Latina. [...] A própria Inglaterra era um dos mais importantes mercados para os artigos alimentícios e matéria-prima latino-americanos. Em resumo, ao longo de todo o século XIX a Inglaterra era o principal parceiro comercial, o principal investidor e o principal detentor do débito público da América Latina.

Dessa forma, a título de comparação com o surgimento do futebol no Brasil pelas vias britânicas no século XIX, abordaremos o caso da Argentina, país vizinho no qual a cultura futebolística se faz bastante arraigada na vida cotidiana a qual, sobretudo, serviu como “um meio cultural chave para forjar os primeiros sentidos de identidade nacional tradicional e popular” - assim como no Brasil -, além de vigorar a histórica rivalidade entre a *Albiceleste* e a Canarinho (GIULIANOTTI, 2002, p. 50). E tal caso guarda semelhanças e distinções no que tange o processo de inserção do futebol, as quais merecem ser discorridas nas próximas linhas (GUEDES, 2002).

No contexto da conjuntura internacional da época, havia um comércio bastante movimentado durante o final do século XIX na América do Sul envolvendo os países do Cone Sul com a Inglaterra. Tal fato fez com que Buenos Aires se tornasse a principal cidade envolvida nas transações ocorridas América Ibérica, em meio a esse período de hegemonia britânica no continente (RINKE, 2007).

E nesse emaranhando a Argentina se tornara, em 1890, a principal fonte comercial inglesa, pois dava suporte no ramo da subsistência e produtos naturais, tais como carne, cereais, lã e couro. Em termos de população e infraestrutura, a capital portenha chegou a abrigar 950 mil pessoas em 1904. Um pouco menos antes, em 1895, o teto populacional era de 600 mil habitantes, entre os quais metade era formada por italianos, fazendo com que o número de estrangeiros somasse $\frac{3}{4}$ dos habitantes, e dentro desse contingente existiam 40 mil ingleses. Tratando-se do âmbito infraestrutural, Buenos Aires contava com o seu porto escoador e com

uma ampla rede ferroviária que em poucos anos se espalhou para além da Capital Federal alcançando La Plata (1887), Rosário (1889) e Quilmes² (1897) (MACARENHAS, 2000; 2014).

Sendo assim, em meio a esse ambiente cosmopolita, multicultural e mecanizado, houve uma simbiose entre os migrantes ingleses na capital portenha e com a estrutura ferroviária do local a qual desencadeou, nada mais nada menos, a origem do futebol na Argentina, essencialmente em Buenos Aires – a segunda capital que concentra a maior quantidade de clubes profissionais (vinte e duas equipes entre as cinco divisões profissionais), ficando atrás somente de Londres e atualmente a metrópole com a maior quantidade de estádios no mundo.

Um dado interessante que ilustra a influência inglesa no processo de adoção do futebol na Argentina e a concentração do futebol na Capital Federal³ é o fato de que a Asociación del Fútbol Argentino (AFA), fundada em 1893, era composta por 20 clubes (em sua maioria) originários de escolas da colônia inglesa. Num período um pouco a frente, em 1907, existiam mais de dez ligas independentes de futebol em Buenos Aires as quais reuniam algo em torno de 350 equipes (FRYDENBERG, 1996).

O que chama bastante a atenção é o fato da presença das empresas ferroviárias no processo de adoção do futebol em pleno território argentino, dos marinheiros que chegaram por via das atividades marítimas e dos estabelecimentos educacionais (nos quais estavam matriculados os filhos da aristocracia inglesa pertencente a tais empreendimentos) para a prática inicial do futebol (GIULIANOTTI, 2002).

No entanto, em 1884, fundaram a *Buenos Aires High School*, instituição de ensino que se transformou em referência na propagação do futebol. Dois anos depois, surge o Buenos Aires Football Club, pioneiro clube *futebolero* na capital portenha, em termos institucionais. Quanto aos clubes oriundos do sistema ferroviário, destacam-se: Rosário Central, fundado em 1889; Ferro Carril Oeste, criado em 1904, o qual carrega a origem em seu próprio nome e Talleres de Córdoba (1913) (INSTITUTO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, 1997; FRYDENBERG, 1996).

² É fundamental explicitar que as três cidades supracitadas possuem distâncias relativas à Capital Federal: Quilmes se situa 16 km a sul de Buenos Aires; La Plata (capital da Província de Buenos Aires) se encontra 56 km a sudeste da Capital Federal e Rosário (capital da Província de Santa Fé) fica a 300 km a sudeste de Buenos Aires.

³ Durante a temporada 2018/19, as cinco divisões profissionais do futebol argentino (organizadas pela AFA) reuniram um total de cento e seis clubes. Dentro deste contingente, quarenta e quatro equipes se situam nas cidades localizadas no entorno de Buenos Aires, enquanto vinte e duas estão instaladas na Capital Federal, histórico centro receptor/difusor da inovação esportiva britânica no final do século XIX. Logo, a maioria dos clubes profissionais argentinos estão concentrados no *conurbano bonaerense*, ao passo que quinze times se encontram localizados pelo interior da província de Buenos Aires; dois em La Plata; dois em *Gran La Plata* e vinte e um no restante do território argentino, em províncias como Santa Fé, Tucumán, Córdoba, Mendoza entre outras.

Em meio ao surgimento do futebol na Argentina, transplantado enquanto manifestação cultural britânica, há um atributo imaterial determinante: o idioma do país que imprimira força imperialista/econômica em terras argentinas.

Segundo Frydenberg (1996), o inglês se encontra presente no vocabulário futebolístico argentino até os dias atuais, na nomenclatura de equipes esportivas devido a tal influência externa na vida social portenha, ao contrário do caso brasileiro o qual sofreu tal influência de forma mais branda. Tal influência se deu devido ao fato de Buenos Aires ter sido o principal ponto comercial na América Latina durante o período de transações comerciais com os ingleses. Racing Club de Avellaneda, River Plate, Boca Juniors, Newells Old Boys, Temperley e Banfield são exemplos claros de como o imperialismo britânico deixou marcas na cultura popular argentina. Franco Júnior (2007) e Giulianotti (2002) ainda ressaltam que até mesmo nas reuniões da AFA - inicialmente denominada *Argentine Association Football League* - era proibida a conversação em espanhol, tendo o inglês como obrigatoriedade.

Desse modo, entende-se que a origem futebolística nos dois países vizinhos possui um ponto em comum de convergência, no que tange à presença inglesa e empreendimentos ferroviários instalados nos dois territórios devido aos processos econômicos firmados pela Inglaterra com os dois países, enquanto forma de inserção no mercado internacional em meio à expansão do capitalismo no final do século XIX, no que diz respeito à mecanização do território desencadeada pelas atividades industriais.

Assim como há eloquente dessemelhança: enquanto na Argentina o esporte bretão se inseriu inicialmente em Buenos Aires, no Brasil tal prática esportiva se originou em pontos distintos do nosso território nacional. E este espraiamento da introdução do futebol em nosso país fez com que a influência britânica na terminologia futebolística brasileira se limitasse apenas ao início de sua difusão. Contudo, facilitou o longínquo nascimento de certames em todas as unidades federativas do território nacional, os quais são conhecidos popularmente como estaduais, disputados até os dias atuais.

Por intermédio da constatação acima, percebeu-se durante o trabalho a expressiva concentração do futebol argentino na Grande Buenos Aires, pois maioria dos clubes profissionais estão situados no *conurbano bonaerense*. E na medida em que as elucubrações se voltaram para o futebol do interior da província e do restante do país, verificou-se a acanhada participação de seus times nas cinco divisões organizadas pela AFA (exceto a das equipes do interior da província de Buenos Aires), além da influência inglesa atenuada na nomenclatura destes, os quais possuem raízes hispânicas, marca do processo colonial espanhol na Argentina.

Nesse sentido, a análise do processo de origem do futebol no Brasil e na Argentina, por via do imperialismo britânico no século XIX, descreve que as duas questões se encontram umbilicalmente associadas, posto que o esporte bretão se desenvolveu enquanto prática cultural pertencente aos novos modos de vida inerentes à expansão do capitalismo no mundo ocidental.

2.2 Geografia, próteses e mecanização do território

Partindo da concepção de que a origem do futebol no Brasil se dá pela ocorrência das atividades industriais em nosso território em pleno imperialismo britânico no final do século XIX, é necessário compreender tal acontecimento, a partir do papel das próteses implantadas no território brasileiro. Desse modo, é preciso discutir a questão da mecanização territorial em si e no caso brasileiro. Para chegar a um determinado consenso dentro da temática, é preciso entender algumas categorias básicas inerentes à Geografia, como a questão sistema de objetos e sistema de ações, a divisão territorial do trabalho e o clássico estudo do meio técnico (SANTOS, 1996). Para entender a formação industrial no Brasil, é imprescindível abordar a questão da mecanização do território no país (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

A relação entre o sistema de objetos e sistema de ações se encontra alicerçada na clássica conceituação dos fixos e fluxos no espaço geográfico. O primeiro grupo é referente às próteses e construções materiais que se encontram fixados no espaço geográfico, tais como pontes, estradas, rodovias e quaisquer objetos que tangem o âmbito infra estrutural. Enquanto isso, os fluxos se desenvolvem e atravessam esses elementos fixos fazendo com que estes recebam algum tipo de funcionalidade. Este grupo é referente às relações socioespaciais e todo movimento exclusivamente humano (mobilidade urbana, migrações etc). E devemos reiterar que, apesar das distinções brevemente exercidas, fixos e fluxos funcionam em interdependência, dinamizando, assim, o espaço geográfico (SANTOS, 1996).

Em todo curso da história sempre existiu interação e convergência entre os sistemas de objetos e sistemas de ação, pois acompanham a lógica de funcionamento dos fixos e fluxos sempre interligados por si. Tal mutualismo desencadeia no dinamismo do espaço geográfico. Segundo Santos (1996, p.39):

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

No estudo do espaço geográfico, o sistema de objetos está relacionado aos fixos inseridos no espaço afora, sejam as pontes, as casas, os portos ou as ferrovias. Todos esses elementos, além de serem produtos da ação humana, compõem traços culturais enquanto

difusões técnicas. Para além da funcionalidade técnica e do aspecto cultural, os objetos obedecem à lógica da temporalidade, ou seja, com o curso da história cada objeto técnico cumpre a responder uma determinada complexidade funcional e estrutural. A primeira está associada ao uso do objeto no seu modo mais banal e cotidiano, como o manuseio de um martelo, por exemplo. Já a segunda se explica pelo fato de um objeto possuir funções amplamente econômicas e sociais, tocando o trabalho empresarial ou do uso que tal objeto possui para servir as demandas populacionais (MOLES apud SANTOS, 1996).

Podemos ilustrar essa questão se tomarmos como exemplo os fatos expostos no primeiro tópico do capítulo, sobre o papel importante das ferrovias empreendidas no Brasil e na Argentina pela proa do imperialismo britânico no final do século XIX (as quais serviram de mola propulsora para a propagação do futebol nos dois países); os engenhos centrais (do meado aos fins do século XIX) e, posteriormente as usinas de álcool e açúcar instaladas no maior município do Estado do Rio de Janeiro, que prestaram grande relevância na organização do futebol campista, a partir do início do século XX (OURIVES, 1989; ROSENDO; CARVALHO, 2004). O caso da economia campista e do futebol local será abordado ao longo do trabalho.

Dessa forma, tomemos esses exemplos enquanto próteses implantadas em determinados territórios que correspondiam à uma determinada fase do curso da história, a qual respondia a expansão do capitalismo de modo externo à Inglaterra (SANTOS, 1996)

Enquanto o sistema de objetos responde a um padrão material, o sistema de ações tange na questão imaterial baseada numa correlação de movimentos estritamente humanos. Seja, por exemplo, uma onda migratória em determinado continente ou o surgimento de uma classe social, conforme houvera na 1ª Revolução Industrial com a ascensão da burguesia (dona dos meios de produção) e o surgimento do proletariado, o qual doava sua força de trabalho em favor dos interesses burgueses (MARX; ENGELS, 2005). Em linhas gerais, o sistema de ações diz respeito à dinâmica das relações sociais que ocorrem em meio ao espaço geográfico. Tal categoria responde à necessidade de imigrantes ingleses se aportarem na América do Sul, no final do século XIX, para impulsionarem atividades econômicas industriais e, por consequência, difundirem a cultura do futebol em determinados países, conforme discutido anteriormente.

Uma outra questão que envolve o sistema de ações é a possibilidade deste operar os objetos presentes no espaço, como meio de definição e funcionalidade, o que nos aponta uma certa interdependência entre as duas categoriais, apesar de estas demandarem atribuições singulares. Dada essa função, há certa consonância entre sistemas de objetos e sistema de ações o que se faz possível elucidar sobre a origem do futebol no Brasil e na Argentina enquanto

produto (simbólico) incorporado pelos ingleses funcionários das indústrias ferroviárias e educandos dos estabelecimentos estudantis: a ferrovia se apresentando enquanto objetos/fixos e as migrações britânicas no continente junto às interações sociais enquanto ações.

Segundo Santos (1996, p. 56):

As duas categorias, objeto e ação, materialidade e evento, devem ser tratadas unitariamente. Os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza; sem isso, todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história.

Em se tratando da relação entre lugares distintos num eixo de relações econômicas em comum, podemos acenar para a questão da divisão do trabalho correspondente à várias funções ocupacionais no mundo em relação à maneira que cada lugar possui (SANTOS, 1996). É a égide econômica regendo os espaços e dentro de suas dinâmicas, num movimento que vai definindo a hierarquia das cidades envolvidas nas relações comerciais. Acerca do imperialismo britânico e atividades comerciais na América do Sul, percebe-se que tal hierarquia se dá como: Londres na condição de metrópole exportadora dos bens de capital; Buenos Aires e São Paulo como cidades exportadoras e fornecedoras do território para a edificação dos empreendimentos. A esse modelo, associa-se à questão da Divisão Internacional do Trabalho, a qual “significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder” (GALEANO, 2014, p. 17).

Desse modo, é possível associar tais relações comerciais ao processo de introdução-adoção do futebol (da Inglaterra à América do Sul), e constatar que houve um movimento meramente paralelo - simultaneamente heterogêneo - com tais atividades econômicas, tanto na questão do período quanto no âmbito espacial, o qual se deve considerações com as duas cidades supracitadas.

Concebe-se que toda essa movimentação britânica no território brasileiro corresponde ao período técnico em si. Dessa forma, Santos (1996) ressalta os períodos técnicos em três momentos no curso da história das sociedades: até 1750, onde havia o uso predominante de água e vento; entre 1750 e 1900, tempo no qual predominaram o ferro e carvão e o último, por volta de 1900, com a eletricidade e metal. Partindo deste princípio, fica claro que o tema do capítulo gira em torno do estágio que envolve a utilização da máquina à vapor com a criação das ferrovias, em meio à expansão da Segunda Revolução Industrial no bojo do imperialismo britânico, a qual fora crucial para aportar o futebol em determinados países, conforme acontecera no Brasil e na Argentina no final do século XIX, por meio da instalação desses empreendimentos nos dois territórios sul-americanos e em outras partes do mundo.

O papel que as técnicas alcançaram, através da máquina, na produção da história mundial, a partir da revolução industrial, faz desse momento um marco definitivo. É, também, um momento de grande aceleração, ponto de partida para transformações consideráveis (SANTOS, 1996, p. 112)

De acordo com as periodizações acerca da história das técnicas (SANTOS, 1996), enxerga-se a mecanização do território brasileiro a partir do período técnico, no qual o espaço é utilizado para a implantação das devidas próteses, as quais estão alinhadas com a questão das infraestruturas em si.

Deste modo, é necessário ressaltar o que Santos e Silveira (2001) atribuem enquanto mecanização precoce do território brasileiro a instalação de engenhos na Zona da Mata e no Recôncavo Baiano, com ligação à escravidão de africanos por esses locais, baseada na cultura da cana-de-açúcar no período colonial, assim como pesquisadores do Norte Fluminense, como Roberto Rosendo e Ailton Motta, atribuem as instalações dos engenhos centrais e das usinas no solo campista.

Com maior ênfase, o empreendimento ferroviário merece a devida atenção e associa-se tal atividade a periodização técnica, que ocorre no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, oferecendo ao país certa entrada no capitalismo industrial mesmo que de forma tardia. Interessante notar esse processo enquanto uma mecanização incompleta do território, pelo fato de esta ocorrência ter se limitado à Região Concentrada do país, que se limitava entre os estados do Sul e Sudeste. Assim, entende-se que a gênese desse processo se deu em pontos destacados e desconexos entre si no território brasileiro, o que remete à ideia de um “arquipélago mecanizado” (TORRES, 1979, apud SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Tal qual a mecanização do território brasileiro tenha ocorrido de forma desconcentrada, o futebol surgiu no Brasil em vários pontos no território, apesar da primazia paulista e carioca, como no Paraná e em João Pessoa, através da indústria ferroviária e do gás, respectivamente (MASCARENHAS, 2014).

Enquanto tipos de atividades, Santos e Silveira (2001) enfatizam a instalação de usinas de açúcar (foco do trabalho que será abordado no próximo capítulo), da navegação à vapor e das estradas de ferro.

Para além dessa movimentação gradativa inicial, o território brasileiro se confirmara mecanizado de modo efetivo apenas no início do século XX, época na qual o Brasil se torna de fato um país industrializado, mesmo em condição tardia. Como consequência deste processo, começa a se desenhar uma suposta integração nacional, há o desencadeamento do processo de urbanização brasileira, o qual se efetiva na década de 70 em São Paulo, enquanto cidade estabelecida na hegemonia econômica acerca do território Brasileiro por força do crescimento

industrial “e a formação de um esboço de mercado territorial localizado no Centro-Sul” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 36).

2.3 Geografia dos esportes

A Geografia dos esportes em si se responsabiliza com a organização e representação dos esportes inseridos e instalados no espaço geográfico. Apesar de ser um campo incipiente dentro dos interesses do grande corpo da Geografia internacional, a área supracitada vem obtendo contribuições com determinados estudos desde os anos 90 embora tenha traços de ramificação da Geografia Cultural, a qual se encontra em seu auge no cenário acadêmico geográfico. Sobre a relevância dos estudos do esporte na Geografia, é possível conceber questões balizadas com variados temas e conceitos geográficos, desde a questão ambiental até os processos de urbanização.

No tocante à relevância do tema, não encontramos qualquer dificuldade em atestar a magnitude que os esportes alcançaram ao longo do século XX, tornando-se uma poderosa indústria do entretenimento, capaz de mobilizar grande volume de capitais privados e estatais e gerar intensos fluxos na escala planetária, além de fomentar sentimentos de identidade territorial em diversos níveis. Não é preciso ser estudioso do assunto para verificar suas dimensões no mundo atual: verifique-se o espaço/tempo reservado aos esportes nos meios de comunicação de massa em todo o planeta e ter-se-á uma noção da magnitude dos esportes na atualidade (MASCARENHAS, 1999a).

Mascarenhas (1999a) diz que para entender a relevância da abordagem dos esportes na ciência geográfica, é importante saber que os esportes são parte do desenvolvimento da sociedade industrial capitalista na era moderna. Em paralelo, há em discussão a questões do "conjunto de transformações morais e comportamentais que dão a tônica do processo civilizatório, o que faz lembrar da origem das práticas esportivas nos estabelecimentos educacionais ingleses no início do século XIX (MASCARENHAS, 1999a; FRANCO JÚNIOR, 2007). Em se tratando do século XX, os esportes estiveram em consonância com processos macro-históricos, seja envolvido a dominação imperialista britânica (já abordado no trabalho) ou com questões políticas.

Os esportes modernos foram codificados, majoritariamente, na segunda metade do século XIX, e imediatamente encontraram grande difusão pelas redes internacionais de comércio e dominação imperialista. Ao longo do século XX, a expansão do chamado tempo livre e do consumo de serviços de lazer propiciou o crescimento constante dos esportes, seja como prática saudável, seja como espetáculo. E assim os esportes contaram com fortes políticas nacionais de apoio no pós-guerra ("esporte para todos") tanto no bloco socialista quanto no âmbito da expansão do Welfare State (Coy & Kenion, 1969; Riordan, 1978). No contexto da "guerra fria", os Jogos Olímpicos constituíram importante canal de sublimação de conflitos entre os dois blocos internacionais de poder (MASCARENHAS, 1999a).

Após esses momentos de efervescência, no final do século XX, no bojo do período técnico-científico informacional, os esportes se tornaram mercadorias de consumo graças ao marketing de, por exemplo, grandes corporações como as norte-americanas Nike e Coca-Cola enquanto patrocinadoras de equipes, confederações e eventos esportivos; nas placas de publicidades que circundam os gramados de futebol, presentes em torneios de visibilidades, assim como a existência de inúmeros patrocínios estampados nos uniformes de jogo e, também, pelas vias televisivas, as quais conseguiam gerar acréscimo de audiência e cifras de dólares por conta de transmissão de certames e patrocínios. A este período, deve-se atentar pelo fato de os desportos se encontrarem envoltos à fase da globalização em seu caráter financeiro e cultural (SANTOS, 2000).

Em questão das investigações teóricas geográficas sobre as atividades esportivas, é concebível abordagens dentre inúmeras temáticas, conforme dito no início da unidade.

Num primeiro momento, há de mencionar atividades esportivas as quais envolvem o ser humano em contato com a natureza, tais como a corrida, o surfe, alpinismo, natação, regatas entre tantas outras. Mascarenhas (1999a) ressalta que estas modalidades refletem atividades humanas que tiveram a luta pela sobrevivência como simbologia, tal como buscar alimentos, fugir dos perigos físicos ou até mesmo superar desafios da dinâmica natural. E neste mesmo terreno ecológico, também se faz possível analisar o quão prejudiciais ao meio-ambiente alguns esportes podem ser, em se tratando de modalidades de aventura, como o rafting, mountain bike, rally e mergulho, já que estas são executadas em natureza quase jamais manejada.

O conhecimento e manejo dos elementos da natureza compõem um amplo acervo cultural, e parece-nos razoável pensar que possivelmente os diferentes "gêneros de vida" -para retomar provocativamente a clássica noção lablacheana- e as diferentes paisagens naturais forneceram certas bases para diversas modalidades esportivas do mundo atual (MASCARENHAS, 1999a).

Acerca de uma abordagem sobre os impactos da paisagem no espaço geográfico por via das manifestações esportivas, a Geografia possui capacidade de desempenhar enquanto uma grande ferramenta científica no objetivo de analisar os estádios de futebol enquanto marca paisagística no ambiente urbano, seja em âmbito material e também no sentido social/simbólico - em situações que permitem comparações de praças futebolísticas com templos religiosos (ROSENDAHL, 1996).

Partindo do pressuposto de unidade visível no espaço geográfico, equipamentos esportivos servem também como aparelho urbano de valorização imobiliária. Como exemplo do último fato enumerado, ressalta o Joquey Club da Gávea, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o qual serve como símbolo de requinte da classe média carioca difundido no urbano para além da questão fundiária (MASCARENHAS, 1999b, p.54).

E por fim, a ala dos esportes inerente à Geografia é capaz de explorar as nuances presentes no campo das identidades socioespaciais e da geopolítica internacional⁴. Em relação ao futebol, é possível estabelecer relações de torcidas com a comunidade pertencente, se abordado o fenômeno numa escala local, até ao fato de torcer por determinada seleção em certames continentais ou nacionais. A título de ilustração, exemplifica-se: os hinchas do Argentinos Juniors que residem no bairro de La Paternal; e os torcedores de clubes nordestinos que exaltam a identidade regional nordestina (VASCONCELOS, 2011). Partindo para o âmbito geopolítico, menciona-se por aqui os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo enquanto eventos esportivos com funções de divulgar a imagem dos países-sedes na seara da política internacional enquanto potência econômica (MASCARENHAS, 1999b, p. 55).

Dessa maneira, a investigação aponta que a introdução do futebol no Brasil (e também utilizando o caso da Argentina) por parte dos ingleses correspondeu aos processos econômicos firmados pela Inglaterra com o país, como forma de se inserir no mercado internacional em meio à expansão do capitalismo no final do século XIX, tendo tais explicações abarcadas em um híbrido entre a Geografia Econômica (responsável por analisar os processos produtivos no espaço geográfico) e a Geografia dos Esportes (a qual compreende as manifestações esportivas acerca do espaço geográfico). A partir desses acontecimentos, surgiu uma série de transformações no território brasileiro as quais foram determinantes para a configuração territorial brasileiro no que se refere à mecanização e atividades industriais.

E nesse bojo, porém de modo retardatário, se encontram as usinas sucroalcooleiras em Campos dos Goytacazes, responsáveis pela dinâmica da economia local durante boa parte do século XX. Usinas estas que possuíam seus clubes operários formados por seus funcionários, assunto que será discutido no próximo capítulo.

⁴ O gol de mão (*La Mano de Dios*) marcado por Diego Armando Maradona diante da Seleção Inglesa, em partida válida pelas quartas-de-final da Copa do Mundo de 1986 (México), refletiu dentro de campo o teor do conflito geopolítico entre a Argentina e a Inglaterra no que dizia respeito à Guerra das Malvinas, ocorrida quatro anos antes da histórica partida vencida pela Seleção Argentina (por 2 a 1) – a qual servira para pavimentar o caminho rumo ao segundo e último título mundial da Albiceleste. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/271559-376>

3 MOENDAS E CHAMINÉS: A IMPORTÂNCIA DE CAMPOS DOSGOYTACAZES NA ECONOMIA REGIONAL (SÉCULO XVI - FINAL DO SÉCULO XX)

Ao que pouco se tem noção por via do senso comum dentre as novas gerações, Campos dos Goytacazes já foi, num passado não tão distante, a menina dos olhos da Região Norte Fluminense no âmbito da economia, devido ao suporte da produção sucroalcooleira em inúmeras usinas que funcionaram no município (as quais em maioria decretaram falência pelo final do século XX), chegando a se destacar no cenário econômico nacional.

Nesse capítulo, é discutida a formação econômica da Região Norte Fluminense, tendo Campos como relevante centro econômico já no período agroexportador e escravista; em seguida é explicitado o momento produtivo marcado pela existência das usinas sucroalcooleiras e, no final, foram exemplificados alguns clubes operários no Brasil e no exterior, como forma de ilustrar os pormenores do período açucareiro campista que remetem ao futebol de usina decorrido na cidade.

3.1 Economia colonial e escravista no Norte Fluminense (século XVI - século XIX)

As primeiras atividades econômicas na região surgiram por volta de 1500 e 1530, no limiar da conquista portuguesa do território brasileiro, quando as primeiras expedições se aportaram no Brasil pela Bahia de Salvador (atual Macaé) e no cabo de São Thomé (ROSENDO; CARVALHO, 2004). Nesse período, os portugueses empreenderam o ramo do extrativismo vegetal (pau-brasil) e depois exerceram a criação de feitorias, postos nos quais aconteciam exploração de produtos naturais. Logo num primeiro momento, não houvera a efetiva colonização pelo fato de ser comum neste período os conflitos entre nativos (estes antes escolhidos como mão-de-obra escrava) e portugueses; com piratas franceses que adentravam na costa por via de apoio dos indígenas, como forma de exercer resistência aos lusitanos.

Tendo em vista os primórdios da formação econômica da região, pelos idos do século XVI, o que se deu por aqui foi o processo de povoamento por parte das políticas de povoamento no território brasileiro (FRANCISCO, 2009). Apesar dos conflitos entre portugueses versus nativos, franceses e holandeses, e também da queda da extração do pau-brasil não proporcionarem a colonização efetiva no século XVI, a Coroa portuguesa deu início ao fomento da imigração de colonos, oferecendo como recompensa cargos administrativos e grandes propriedades fundiárias para que estes dispusessem do potencial empreendedor, com o objetivo principal de efetivas a colonização brasileira. À essas terras, atribuiu-se o nome de capitânicas hereditárias, as quais eram quinze existentes território brasileiro. Dentre todas elas, havia a

Capitania de São Tomé, a qual abrange o atual Estado do Rio de Janeiro - e a Região Norte Fluminense.

Segundo Rosendo e Carvalho (2004, p.31):

A estrutura social, econômica e política que se estabeleceu na então província do Rio de Janeiro e, mais especificamente, no Norte Fluminense, estava fundamentada em um conjunto de elementos comuns. Tais elementos estavam associados, como já mencionado, ao sistema de colonização e à superestrutura sócio-econômica que se delineou, a qual teve ao longo de todo o período colonial seu dinamismo fundamentado na força-de-trabalho escravo e na monocultura de produtos tropicais de exportação, notadamente a cana-de-açúcar e derivados.

Enquanto primeiras tentativas de produção econômica da capitania, o donatário Pero de Góis incumbiu-se de plantar mudas de cana-de-açúcar (o que dá a entender que estes foram os primórdios), ergueu engenhocas, trouxe escravos negros africanos (devido aos problemas com a mão-de-obra indígena), ferramentas, armas e pessoas para vigiar a produção (PINTO, 1995). Mesmo com a tentativa de impulsionar a produção, houvera no período ataques indígenas no local, fazendo com que o dono abandonasse os empreendimentos. Anos depois, seu filho (Gil de Góis), entregou os direitos hereditários da capitania para o controle da Coroa, em 1619, a qual doou as terras para os Sete Capitães os quais tomaram posse em 1632. Logo assim, os novos donos de tal estrutura fundiária investiram na criação de gado com a construção de currais, o que desembocaria no processo de colonização da região e na fundação da Vila de São Salvador, em 1677 (atual município de Campos dos Goytacazes) (PINTO, 1995).

Desse modo, a pecuária se consolidava como a primeira atividade econômica da Região Norte Fluminense, no âmbito da subsistência e de exportação para o Rio de Janeiro, ao longo do século XVII, e por conseguinte, florescia a cultura da cana-de-açúcar. Em se tratando das estratificações sociais que envolviam a produção em nossa região, Passos (2011) e Pinto (1995) classificaram quatro grupos importantes para descrever “a base da formação social e econômica do Norte Fluminense” (ROSENDO; CARVALHO, 2004, p. 35): a nascente aristocracia rural, a qual era composta por senhores de engenho; a burguesia mercantil, que se responsabilizava pelas transações comerciais do Norte Fluminense com demais lugares do país, incumbindo-se de participar do comércio de açúcar e tráfico negreiro; a Igreja, quem detinha posse de terras, gados e propagava a fé cristã pelo local e os negros africanos, os quais doavam sua força de trabalho até o século XIX, vivendo pela Vila juntos com os mestiços.

Destarte, se faz necessário enfatizar a relevância de Campos dos Goytacazes enquanto principal centro econômico do Norte Fluminense em se tratando da produção regional. Isso se deu pelo fato de Campos se encontrar na condição de expoente da atividade açucareira e no setor de subsistência para exportar os produtos rumo ao Rio de Janeiro entre o fim do século XVIII e início do século XIX (PASSOS, 2011). Essa dinâmica produtiva campista era parte

integrante do potencial econômico da região, na qual havia um grande número de engenhos os quais impulsionavam a produção açucareira (Tabela 1) e de subsistência (Tabela 2) para o abastecimento da capital da província, em questão de certo mercado consumidor. Interessante notar que a estrutura produtiva da região Norte Fluminense sofria influência de questões de natureza externa.

Período	Toneladas (t)	Milhares de sacos de 60Kg
1830	10.000t	166.666
1835	12.240t	204.000
(*)1852/1861	8.798t	146.633
(*)1862/1871	13.684t	228.065
(*)1872/1881	16.757t	279.277
1882	21.350t	355.830
1883	16.102t	268.363
(**)1900/1905	21.753t	362.558
(**)1906/1910	26.203t	436.724

(*) Produção reunida em médias do decênio; (**) Produção reunida em médias do quinquênio

Tabela 1 - Produção de açúcar em Campos dos Goytacazes (1830 - 1910).

Fonte: Adaptado de Rosendo e Carvalho (2004)

Gado vacum (cabeças)	53.672
Cavalos (cabeças)	13.201
Milhos (alqueires)	17.168
Feijão (alqueires)	12.032
Arroz (alqueires)	4.458
Mandioca (alqueires)	55.109
Algodão (arrobas)	2.772

Tabela 2 - Setor de subsistência em Campos (1785).

Fonte: Reis (1997)

Como consequência da necessidade de modernização da produção, a partir de 1820 ocorreram mudanças no panorama econômico campista, o que apontava a transição para uma nova fase econômica. Assim, despontavam somente os engenhos os quais detivessem maior modernidade se comparados com as outras fábricas e que demandavam altos investimentos financeiros para investir em meios de produção e adquirir maior quantidade de escravos. À medida que os investimentos saltaram de patamar, a produtividade avançava e, por consequência, surgiam os primeiros lampejos da indústria açucareira no Norte Fluminense,

pois, segundo Pinto (1995, p. 122) “a revolução da agroindústria estava em marcha e de maneira irreversível...”.

Deste modo, os engenhos à tração e engenhocas foram desaparecendo e, por conseguinte, substituídos pelos engenhos à vapor: empreendimentos de maior estrutura e mecanização avançada, que foram cruciais para o desenvolvimento da economia sucroalcooleira em Campos dos Goytacazes e região, pelo início do século XIX, até desencadear gradativamente no que é conhecido enquanto usina (PINTO, 1995).

3.2 A Era das Usinas (início século XX - anos 70)

Conforme discutido, na seção anterior, as usinas (Figura 1) surgiram em Campos e região de acordo com a necessidade de conter a desorganização dos custos com gastos sobre a compra de cana e alavancar a produção com o controle de todo o parque industrial, já que os engenhos centrais eram responsáveis apenas pela moagem. Desse modo, as usinas formaram a estrutura fabril preponderante no século XX. E como resquício das outras fases, a estrutura socioeconômica do tempo das usinas era desigual, “desequilibrada e perversa”, formada por uma mão-de-obra proletarizada que acarretou no “surgimento de populações periféricas” (ROSENDO; CARVALHO, 2004).

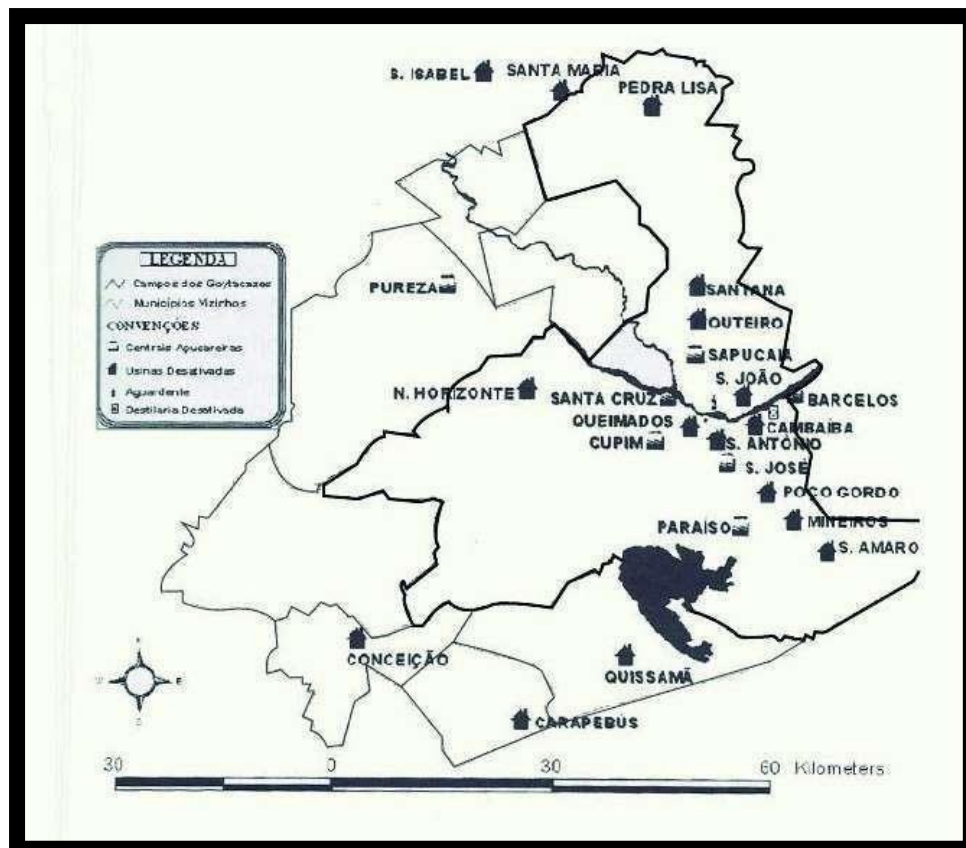


Figura 1 - Usinas na região Norte Fluminense.

Fonte: (PINTO, 2006)

De acordo com investimentos feitos no fim do século anterior, exercidos para desenvolver a modernização das fábricas, Campos reviveu um novo período áureo e, conseqüentemente, em meio à certo aumento da produtividade. Com isso, nesse período 27 usinas se encontravam em funcionamento proporcionando uma crescente produção de açúcar para o município. Segundo Pinto (1995), em 1914 a economia açucareira local conseguiu a façanha de se integrar no mercado nacional abrangendo um percentual de 20% do que era produzido no país. Nos primeiros anos do século XX, Campos detinha um significativo ethos da vida social já inicializado, no que concerne à existência de serviços jurídicos, educacionais e de imprensa, contando ainda com a infraestrutura de transportes, energia elétrica e de distribuição hídrica e rede de esgoto. Acerca dos hábitos e costumes, a prática do futebol dava seus primeiros passos no município (OURIVES, 1989). Em termos demográficos, a cidade abrigava, 180.000 habitantes, fazendo que ocupasse o posto de sétima maior população nacional (PINTO, 1995).

Em se tratando do contexto internacional, no período da Primeira Guerra Mundial, Campos dos Goytacazes se tornara o 17º município exportador de açúcar, já que havia se firmado enquanto uma das maiores localidades açucareiras do país em meio a um momento no qual, segundo Pinto (1995, p. 152), “o mercado internacional se encontrava inflexível”.

Na década seguinte, em decorrência da Grande Depressão, a produção açucareira do Norte Fluminense foi fortemente afetada, a qual gerou queda no rendimento produtivo e desdobramentos negativos na precarização das relações trabalhistas, que se concerniu ao arrocho salarial dos trabalhadores e, até mesmo, no abandono daqueles que vendiam força de trabalho em lavouras os quais transitaram para a criação de gado.

Enquanto resposta, na década de 30 foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) com o objetivo de estabilizar o mercado açucareiro e fomentar a produção do álcool - por influência da Primeira Guerra Mundial, veio a ser o combustível cotado para substituir a gasolina - e servira para beneficiar os empresários do Nordeste, São Paulo e Campos. Para o município, o órgão federal obteve papel preponderante na administração do nicho sucroalcooleiro num período no qual Campos se firmava enquanto maior produtor açucareiro do Brasil (PINTO, 1995). Paralelamente à tentativa de impulsionar a produção sucroalcooleira pós-crise, no futebol local trabalhadores de usinas como, por exemplo, a do Queimado, Cambaíba, e São José formavam plantéis de equipes que disputavam o certame citadino, o que nos proporciona um antigo horizonte simbólico permeado entre cultura futebolística e atividade industrial (PARDO, 2010).

Simultaneamente, São Paulo veio a se despontar no mercado sucroalcooleiro nacional e internacional o que faz com que tal estado se garanta na posição de maior produtor nacional e,

também, entre os maiores do mundo. Como influência direta, Campos sofria o baque produtivo por conta da maior influência dos outros estados, o que minou o espaço da produção local no mercado nacional interno. Podemos apontar como principais motivos dessa derrocada: a defasagem tecnológica por parte dos maquinários, gestão ineficiente das indústrias e baixa produtividade das lavouras de cana-de-açúcar.

Tal fase de declínio se acentua nos anos 50, quando a gestão dos estabelecimentos caiu nas mãos de um empresariado proveniente do Nordeste, este que possuía um *modus operandi* um tanto distinto da aristocracia local. Ao passo que São Paulo ia tomando corpo no mercado sucroalcooleiro nacional e internacional, o que o fez enquanto maior produtor nacional (PASSOS, 2011). Segundo Pinto (1995, p. 228):

Ao mesmo tempo que o Estado do Rio modificava o eixo das suas atenções, as cidades vizinhas à capital de São Paulo iniciavam a arrancada para um futuro promissor. Em 1945, Campinas era bem menor que Campos. No início dos anos 50 tornava-se uma cidade que já começava a ocupar o lugar de Campos, no que se referia a progresso, iniciativas, população, geração de empregos. Eram as indústrias estrangeiras que estavam chegando para ampliar a industrialização brasileira. Enquanto isso, as indústrias existentes em Campos foram refreadas por falta de energia elétrica; a fábrica de tecidos na Lapa, começava seu périplo de decadência. A goiabada mantinha-se com nome e fama, mas não com produção. Não tinha volume. Campos começava a viver de suas saudades e dos seus “bons e velhos tempos”.

Com isso, Campos começava a decair e saindo de cena na economia nacional, por motivos de improbidade administrativa, maquinaria obsoleta, contando ainda com a preferência do IAA por São Paulo devido ao retorno mútuo em meio aos investimentos (FRANSCISCO, 2009). Interessante notar que neste momento a região Norte Fluminense começou entrar em posição periférica na economia nacional, pois os grandes investimentos estariam alocados nas grandes metrópoles.

Porém, a derrocada final da cultura sucroalcooleira de Campos dos Goytacazes se deu na década de 70, e segundo Pinto (1995), se deu num momento no qual as usinas locais se tornaram incapazes de manter a produção e se viram na necessidade de gerar empréstimos os quais não foram suficientes. Por consequência de tal bancarrota, usinas vieram a decretar encerramento das atividades, como por exemplo Novo Horizonte, Santa Maria, Queimado e Outeiro. Um outro fator que contribuiu para a crise da época foi a questão de que o álcool deixara de ser um produto exclusivo do eixo usineiro e passou a ser refinado pela Petrobrás, em consonância com a descoberta do Campo de Garoupa em 1974 (que apontava novos rumos energéticos para a região) e da primazia do consumo de carros à álcool nesta época (GOMES FILHO, 2017). Já Azevedo (2004, p.146) pontua a má administração dos empreendimentos e valores de amplitude internacional, no que concerne à questão de disparidade cambial entre o

cruzeiro e o dólar, tendo estas observações enquanto fatores determinantes para o fim do segundo ciclo econômico do Norte Fluminense.

3.3 Entre máquinas e campos de bola

De acordo com algumas passagens do primeiro (que na verdade é o segundo) capítulo do trabalho, entende-se que as indústrias e fábricas sempre exerceram importantíssimo papel na prática do futebol. Seja na o processo de sua popularização (conforme ocorreu em seu berço, a Inglaterra) e no auxílio de sua origem em determinadas nações pelo mundo (no Brasil e na Argentina, da maneira relatada no capítulo anterior).

De acordo com Franco Júnior (2007), na Inglaterra, clubes como o Arsenal, West Ham e Manchester United surgiram na esteira da Segunda Revolução Industrial pelo final do século XIX, organizados por operários da indústria armamentista, siderúrgica e ferroviária, respectivamente.

Stédile (2013, p. 17) sinaliza que:

Em 1883, a Copa da Inglaterra foi vencida pelo Blackburn Olympic - formado por tecelões e mineiros, além de um encanador e um operador de fundição de ferro – derrotando o tradicional time do Old Etonians. Nada mais apropriado para simbolizar a ascensão dos times operários e a derrocada da prática amadora

Segundo Franco Júnior (2007), o PSV Eindhoven (criado em 1913, na Holanda) tem raízes proletárias devido a origem dada por trabalhadores da Philips. Pela região da Toscana, na Itália, o AS Livorno carrega a origem proletária em sua história, remetendo à sua fundação, em 1915, por parte de trabalhadores portuários (além do fato de a cidade ser o berço do Partido Comunista Italiano, fundado pelo intelectual marxista Antonio Gramsci) e sua torcida possui a identidade socialista em suas veias, a qual já expôs em seu estádio bandeiras do guerrilheiro Ernesto Che Guevara e há tempos entona “Bella Ciao”, a tradicional canção do movimento operário italiano⁵.

Na União Soviética, o futebol fora utilizado como forma de edificar a identidade nacional por via do desporto em geral. Deste modo, “ o Lokomotiv tinha o apoio dos ferroviários. Spartak, Torpedo, Zenit e Krylya Sovetov representavam as indústrias de alimentação, automóveis, eletricidade e aviões. O próprio fim da classe dominante facilitou essa apropriação dos clubes sem maiores resistências”⁶.

⁵ CAMPO GRANDE NEWS (2017). Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/da-direita-a-esquerda-futebol-e-politica-caminham-juntos>

⁶ Disponível em: <https://trivela.com.br/o-futebol-foi-usado-na-construcao-da-identidade-da-urss-mas-tambem-serviu-a-insubordinacao/>

Na América Platina, destacam-se: Rosário Central, Talleres, Ferro Carril Oeste, na Argentina, conforme apresentado numa passagem do capítulo anterior; no outro lado do Rio da Prata (Uruguai), o Peñarol foi originado por funcionários do setor ferroviário em 1891, em 1897 nasce o River Plate Football Club por via dos operários os quais prestavam serviços no porto de Montevideú e em 1914 surge o Club Atlético Progreso pelas mãos de mineradores (STÉDILE, 2013).

Indo em direção dos Andes, encontra-se o Emelec, oriundo de funcionários da Empresa Elétrica do Equador nos anos 20.

El 28 abril de 1929, George Capwell, un visionario estadounidense que había llegado a Guayaquil para ser Superintendente de la Empresa Eléctrica del Ecuador, fundó un club con la intención de inducir a sus empleados a practicar deportes. Sin saberlo, había sembrado la semilla de un grande del fútbol nacional. Cuando “El Gringo” George Capwell llegó a Ecuador para estar al frente de la Empresa Eléctrica del Ecuador, allá por 1926, ya la pasión deportiva calaba hondo en el corazón de los porteños. Tanto, que en julio de 1925 los empleados de la Empresa Eléctrica habían inscrito un equipo, llamado Emelec, en el torneo de la Unión Deportiva Comercial, que se realizaba desde 1923⁷ (EMELEC, 2019).

Desse modo, atesta-se que as origens do clube equatoriano, o qual se mantém em relativa evidência na principal competição continental, se entranham em seu nome até os dias atuais diante de tal acrônimo.

No Brasil não foi diferente a incursão do futebol (e sua prática) nos redutos fabris. Até porque o esporte bretão se difundiu no território nacional em vários pontos em comum, conforme discutido no capítulo anterior. Conseqüentemente, clubes operários se formaram pelo país afora, em vários estados e regiões.

Segundo Mascarenhas (2014), em questão do potencial industrial na cidade de Pelotas (RS), o Grêmio Sportivo Brasil surgiu em 1911 por via dos trabalhadores da Cervejaria Haertel, assim como em Rio Grande, localidade também de naípe fabril, na qual surgiram o SC Fábrica Túlio e SC União Fabril. Já Stédile (2013) enfatiza o surgimento do Grêmio Esportivo Renner na capital gaúcha, o qual é originário da indústria têxtil homônima.

Em Fortaleza, o Ferroviário Atlético Clube também acompanhou esse ritmo no que tange a sua criação em 1933, por meio da indústria ferroviária⁸. A mesma tendência ocorreu com a Desportiva Ferroviária (ES) em 1963⁹ e a Associação Ferroviária de Esportes, em

⁷ Em 28 de abril de 1929, George Capwell, um visionário americano que chegou a Guayaquil para ser o superintendente da Companhia Elétrica do Equador, fundou um clube com a intenção de induzir seus funcionários a praticar esportes. Sem saber, ele semeou a semente de um grande futebol nacional. Quando "O Gringo" George Capwell chegou ao Equador para comandar a Companhia Elétrica do Equador, em 1926, e para a profunda paixão esportiva no coração de Buenos Aires. Tanto que, em julho de 1925, os empregados da Companhia Elétrica haviam inscrito uma equipe, chamada Emelec, no torneio Commercial Sports Union, realizado desde 1923.

⁸ Disponível em: <https://www.ferroviario.com.br/fundacao/>

⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/es/noticia/2013/06/de-luizinho-sorriso-50-anos-de-historia-da->

Araraquara (interior de São Paulo) em 1950¹⁰.

Em se tratando do interior de São Paulo, um outro caso não tão enfatizado na historiografia do futebol é o do Clube Atlético Usina Santa Bárbara, em Santa Bárbara D'Oeste, oriundo de uma usina a qual carrega o mesmo nome em 1942 (BELLANI, 1985).

Na antiga Capital do Café, é sabido que, por primazia, o futebol surgiu por meio da atividade industrial, tendo como pontapé oficial uma partida disputada entre equipes da companhia de gás e ferroviária. Entretanto, vingara no profissionalismo o Juventus da Mooca, de origem proletária e de imigrantes italianos o que acarretava em motivo de orgulho por parte dos seus fiéis torcedores. Segundo Antunes (1994, p. 104):

Também a Regoli e Cia. Ltda., do bairro da Mooca, em São Paulo, tinha seu clube de futebol. Em 1909, por ocasião da compra dessa tecelagem por Rodolfo Crespi, o grêmio passou a chamar-se Crespi FC. Anos mais tarde, já na década de 30, rebatizado Clube Atlético Juventus, o time ficaria mais famoso que a própria fábrica [...]

Do mesmo modo, a cidade do Rio de Janeiro também foi berço de clubes fabris. Pereira (2000) assinala como exemplos o Bangu Atlético Clube, em 1904, por via da Companhia Progresso Industrial do Brasil; o Carioca FC, fundado por operários em 1907 assim como o Confiança Atlético Club, em 1918, todos oriundos da indústria de tecido. Estes trilharam a contramão do clichê futebolístico na (até então) Capital Federal, onde também imperou a criação de clubes no seio da elite, tais quais o Flamengo (1895), Fluminense (1902) e América (1904).

Dentre os clubes cariocas oriundos do chão de fábrica citados no parágrafo anterior, o Bangu é um caso emblemático, pois foi o pioneiro neste âmbito além do fato de ter sido um dos primeiros times a contarem com negros e operários num período no qual a prática futebolística era parte dos costumes elitistas (distinguindo-se dos clubes da Zona Sul); resistiu ao racismo institucional imposto pela Liga Metropolitana de Football em 1907, a qual proibiu a inscrição de atletas negros nos certames, se retirando do campeonato daquele ano e se encontra como um dos clubes mais longevos do país em atividade no cenário futebolístico nacional (PEREIRA, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007; ANTUNES, 1994).

Em meio a diversidade de surgimento dos clubes operários, é importante levar em conta dois pressupostos, de certa forma, antagônicos: ao passo que o futebol entre trabalhadores se apresentava enquanto prática orgânica, sustentando a união destes, alguns autores alegam que o envolvimento dos operários com seus times remetiam a um certo domínio patronal apesardo subsídio e do apoio dos gestores industriais.

Stédile (2013, p 28) aponta preceitos que correm por essa lógica comunitária, de viés coletivista, emanada pela prática do futebol por via de times operários quando diz que:

o trabalho na fábrica e a vida em um bairro quase exclusivamente operário permitem esse encontro entre “iguais” e a materialização dessas identidades em associações que supram tanto a carência identitária quanto recreativa da comunidade de origem. Desse modo, é inteligível a expansão de agremiações e de esportes coletivos, especialmente o futebol, neste meio, ao invés de práticas desportivas individualizadas, como a ginástica.

Esta afirmação remete ao caso de várias equipes formadas no seio operário, as quais se encontram circundada entre uma tríade time-indústria-lugar, que se materializa no momento em que cada uma destas instituições funcionam interligadas, cumprindo certa interdependência mútua, pois o time se dinamiza pela via esportiva, a indústria enquanto o marco de geração de renda local e o lugar enquanto o espaço receptor e onde ocorrem as relações socioculturais.

Acerca do Bangu, Santos Junior (2013, p. 16) diz que:

A formação dessa identidade estabelecida pelo ambiente fabril, somado ao sentimento clubista, explicava a relação que muitos torcedores passavam a ter com seus times. Embora soubessem diferenciar-se da postura desejada pelos patrões, não assumindo o papel de legítimos representantes da empresa, os jogadores e torcedores desses clubes fabris formavam, com seus pares, uma conformidade que ficava, muitas vezes, claramente definida. Isto é, a organização dessas agremiações esportivas, fundada por trabalhadores das Fábricas e moradores dos bairros, estabelecia um conjunto de elementos – sentimento de pertença, ambiente fabril e sentimento clubista – que o ajudaram na construção de elos de sociabilidade, compartilhados na fundação do Bangu Athletic Club; e os seus moradores/torcedores, em grande parte, passaram a compartilhar de um modo muito particular na relação em que se expressava esse sentimento de viver, trabalhar e torcer.

Em contrapartida (talvez não perceptível por parte dos operários-jogadores), alguns autores afirmam que os empresários desta época sustentavam os clubes por intermédio de seus negócios como modo obter o controle de seus funcionários de uma maneira branda. Segundo Mascarenhas (2014), havia certa preocupação dos industriais em relação ao potencial de mobilização dos trabalhadores. Nessa lacuna, o futebol presta o papel de aplacar a solidariedade e coletividade classista.

Logo, estes agrupamentos esportivos davam a tônica em fazer com que os trabalhadores defendessem suas instituições comerciais, num exercício de propaganda ambulante. Antunes (1994, p. 106) diz que:

A preocupação dos empresários com a manutenção da organização e da disciplina nos clubes, certamente, teria o objetivo de preservar uma imagem de ordem e de eficiência que conduziria ao sucesso. O prestígio da empresa, se não era totalmente dependente do desempenho da equipe de futebol, podia, em parte ser favorecido por ele. Afinal, o clube era uma espécie de cartão de visitas da empresa. E ele carregava seu nome e suas cores e, no limite, divulgava seus produtos. Ao que tudo indica, os industriais brasileiros perceberam cedo que o futebol praticado pelos operários poderia funcionar como um ótimo veículo publicitário.

Junto a isso, os diretores das empresas se incumbiam de fomentar com subsídios a atividade dos clubes dentro das quatro linhas, fosse com uniformes, bolas ou, conforme pontuou Antunes (1994, p. 105) “cedendo um terreno de propriedade da empresa para a instalação do campo de futebol e a construção da sede social ou, então, contribuindo para o pagamento de alugueis”. Como forma de manter esse tipo de conveniência, era comum que quadros de direção das empresas também recebessem cargos nos clubes agregados a estas (STÉDILE, 2013).

Em meio a sociabilidades entre personagens que se dividiam entre a vida de operário e de atleta e o futebol como método de controle patronal, é possível ressaltar um ponto de convergência entre a disputa de uma partida de futebol com o processo de produção fabril. Perfeitamente, Mascarenhas (2014, p. 91) traça uma analogia entre as duas situações:

Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas à sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem. [...] Os jogadores devem obedecer estritamente às instruções do treinador (ter “disciplina tática”), sob pena de perder a vaga na equipe, pois trata-se de um empregado empenhado em produzir o máximo e em respeitar a hierarquia dentro do clube, para manter seu provisório posto de trabalho, por muitos disputado. Sobre o uso racional do tempo, a velocidade é fundamental para superar o adversário e, por um instante, abrir valiosos “espaços” num campo ocupado estrategicamente por 22 atletas de alta mobilidade. Ainda o fator tempo se revela importante quando se sabe que, numa partida de futebol [...] os cronômetros funcionam sem interrupção, não se submetendo ao andamento do jogo.

Desta forma é sabido que o futebol, enquanto manifestação sociocultural, se tornou parte integrante de processos de industrialização em determinados países, cidades e regiões. Seguindo essa lógica, não foi diferente em relação à Campos dos Goytacazes, principal centro econômico da Região Norte Fluminense desde o período colonial até ao alvorecer do petróleo. No auge da economia sucroalcooleira, o município agregou inúmeras usinas de álcool e açúcar.

E acompanhando o ritmo do futebol operário no Brasil e no mundo, nossa cidade também contou com seus times operários decorrentes das usinas de açúcar, tais como o Esporte Clube Cambaíba, Sport Club Aliança, Esporte Clube São José, Esporte Clube Sapucaia, Esporte Clube São João. De acordo com Santos (2017, p. 25), “dos 25 clubes que disputaram o campeonato campista de futebol, seis deles eram de usinas, isto é, mais de um quinto dos times”. Inerente a este grupo, abordaremos no próximo capítulo o caso do Paraíso Futebol Clube, equipe da localidade de Tócos, décimo sétimo distrito de Campos dos Goytacazes, fundado por funcionários de sua usina homônima em 1917.

4 A BOLA ROLA E A USINA MÓI EM TÓCOS

Durante o curso da História, inúmeros clubes de futebol surgiram por meio de funcionários de ferrovias e indústrias de variadas matrizes, atreladas a períodos de efervescência de instalações de infraestrutura em determinados países. Na Inglaterra, clubes surgiram por via dos empreendimentos erguidos durante a Segunda Revolução Industrial, enquanto no Brasil equipes foram originadas no bojo da industrialização tardia. Também tardia fora criação de usinas em Campos dos Goytacazes, o que não impediu a proliferação de times operários.

A partir destas informações, este capítulo discorre a história do Paraíso Futebol Clube de Tócos, da Usina Paraíso e, como arcabouço teórico, as relações de identidade socioespacial inerentes entre o time de futebol, a unidade fabril de encontro com a comunidade local.

4.1 Usina Paraíso

Inicialmente, visando apresentar a Usina Paraíso e sua localização têm-se a Figura 2 que representa a vista aérea da usina e a Figura 3 que mostra a entrada da Usina Paraíso.

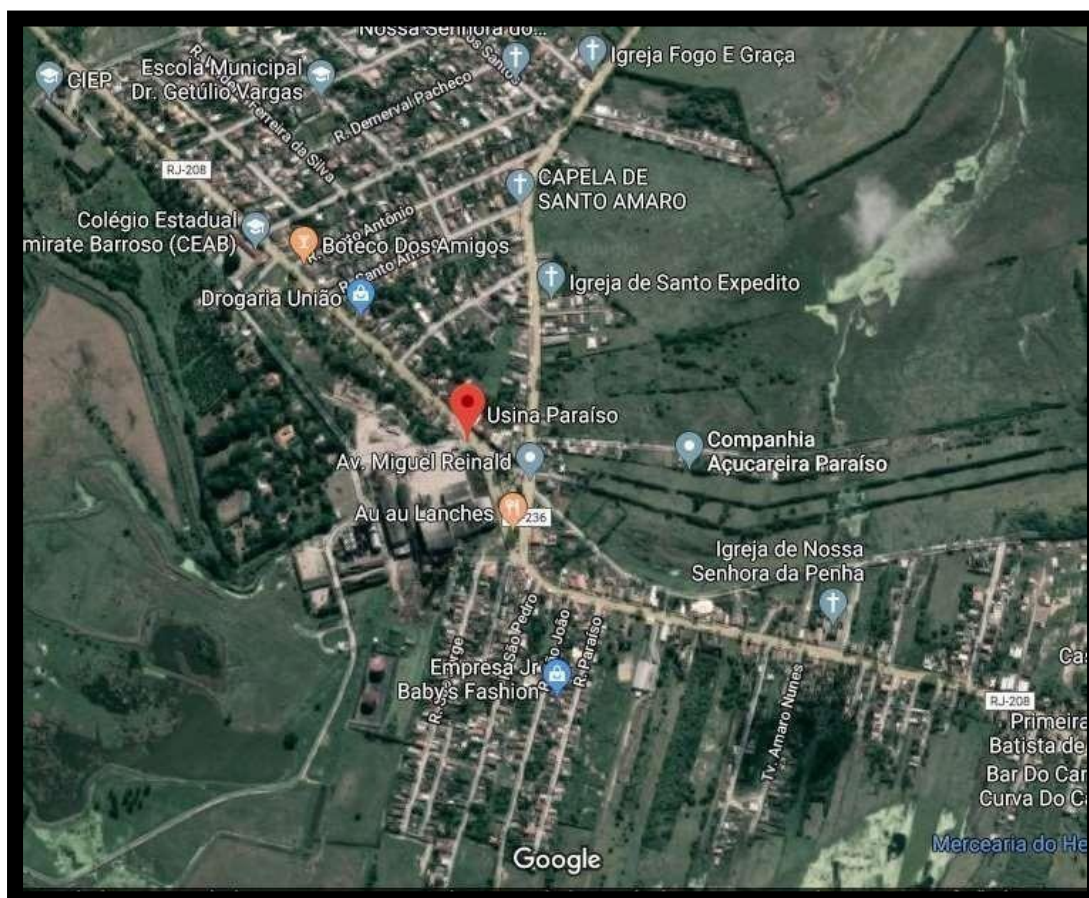


Figura 2 - Vista aérea da Usina Paraíso.
Fonte: Google Maps



Figura 3 - Entrada da Usina Paraíso.

Fonte: Elaboração própria

Os primórdios da Usina Paraíso remontam ao tempo da reversão do modelo de engenho, quando saltara do protótipo operante precário para o engenho central, robusto e moderno àquela época. Tal mudança ocorreu por via de ação governamental no final do século XIX. Segundo Carvalho (2009):

Antes de ser propriamente uma usina, a Usina Paraíso foi um engenho movido à rodas d'água. Desde 1848 o Sr. José Ignácio da Silva Pinto, o 2º Barão de São José, figurava nas páginas do Almanack Laemmert, entre os produtores de açúcar da Freguesia de São Gonçalo de Campos, atual distrito de Tocos. [...] D. Pedro II em 1875, criou a política de engenhos centrais que visava montar fábricas com maquinário importado, moderno para a época, concedendo para isso empréstimos aos interessados e proibindo o uso de mão-de-obra escrava no processo de fabricação do açúcar. Essa era uma medida que tinha por objetivo introduzir aos poucos o trabalho livre no Brasil.

De acordo com o Pedido de Recuperação Judicial (2014), a atividade usineira em Tócos, baseada na produção sucroalcooleira, se iniciou em 1905 nas mãos de empreendedores franceses os quais também detinham outros estabelecimentos. Os mesmos resolveram se desvencilhar da gestão das usinas na década de 60, período próximo à derrocada da cultura açucareira na região, passando o controle à Geraldo Silveira Coutinho, um pernambucano que veio na esteira dos usineiros nordestinos que aqui fincaram seus negócios o qual administrou a Usina Paraíso por mais 40 anos em conjunto com a sua família. Em 2003, a usina alcançou a produção de 1.000.000 de sacas de açúcar, a maior marca de todo tempo de funcionamento.

No final do mês de Maio de 2019, o Grupo MPE (Montagens Projetos Especiais) em conjunto com a COAGRO (Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro) alcançou o arrendamento da Usina Paraíso, tomando assim o controle da empresa. Tal medida gerou algumas expectativas por parte dos funcionários, receosos com a perda de seus empregos no

atual cenário, o qual faz do Brasil um país que perpassa à margem dos 14% de desempregados.

Baseando-se nas entrevistas realizadas, foi constatado através de maioria esmagadora dos entrevistados que, apesar dos dilemas enfrentados atualmente, a Usina Paraíso provoca uma determinada dependência no distrito de Tócos em se tratando de seu funcionamento, além de exercer historicamente um papel central na localidade. Em termos de função econômica (sua principal razão), o empreendimento tem como função a geração de emprego e renda para seus moradores tendo a movimentação do comércio local enquanto desdobramento.

A simbiose existente entre a usina e tal distrito por via da moagem se justifica nas palavras do entrevistado 1, quando este diz que o empreendimento “*Representa muita coisa, né. Ela parada o lugar acaba. [...] Não circula dinheiro, rapaz. O lugar, o movimento ficam fraco. Não circula*”. Acerca da Usina Paraíso enquanto o cerne do lugar supracitado, foi importante o discurso do entrevistado 3 e segundo este tal empreendimento “*é o coração. O coração de Tócos é ela. Sem ela quebra 70%*”.

Seguindo esta linha de respostas, para o entrevistado 6, a Usina Paraíso é “*o termômetro de Tócos*”, enquanto para o entrevistado 10, que atua no cargo de serviços gerais da empresa, afirmou o que ela representa para o lugar, relatando:

Tudo! Tudo! O bom que ela voltasse como antigamente era. Ela é o pé da raiz de Tócos! É a Usina Paraíso! O meu desejo é que ela volta o que era. Criei meus filhos daqui nela, entendeu?

Essas falas nos conduzem a compreensão de que a Usina Paraíso possui, historicamente, uma centralidade no Distrito de Tócos, não apenas no aspecto material e visível dentro o espaço geográfico, mas também no que diz respeito a vida social da população local e de vínculos diretos/indiretos.

Desta forma, é imprescindível apontar uma das razões funcionais da usina, no que tange a geração de renda e emprego da população local e, assim, desencadeando no funcionamento do comércio local. O entrevistado 4 disse que a Usina Paraíso representa a identidade do lugar, ainda assinalou que há certa interdependência entre a usina e o distrito, porém ela ainda cumpre certa relevância:

Rapaz, acho que identidade. Tócos surge por conta da usina, do engenho, a localidade. As primeiras ruas e casas foram construídas pela usina, era a vila de operário, né. Toda localidade, o porquê de existir a localidade é por conta da usina. Orbita a usina. E hoje é questão de identidade mesmo. Hoje a localidade é independente, já foi muito dependente da atividade econômica da usina, há umas décadas atrás. Todo mundo aqui praticamente dependia economicamente da usina. Hoje não mais, mas ainda ajuda muitas pessoas principalmente as que não tem muita especialidade profissional. E ainda tem um papel, né. Ainda tem um papel.

Seguindo por essa via a qual perpassa a questão da relevância na empregabilidade e na geração de renda local ressaltando a importância do empreendimento, o entrevistado 8 resalta:

ela faz render. Se ela estiver funcionando, vai ter o pessoal trabalhando, carteira assinada, vai render. Aí ela gera emprego, do emprego gera o salário, do salário o pessoal já tem um dinheiro no bolso pra gastar nos comércios, então o dinheiro vai circular. Então, ela funcionando pra mim e acredito que pra todos seja melhor. Funcionar! Parar nunca! [...] Porque o pão de cada dia sai daqui. É uma indústria. Isso aí é uma indústria. Se ela estiver parada, o dinheiro não gira. Então se ela funciona, dinheiro automaticamente vai girar. Então, ela interfere em tudo quando ela tá parada. [...] Representa o giro do dinheiro, né. O dinheiro, ele tem que girar. A indústria funcionando, se aqui tá funcionando, o comércio, a padaria vende. O bar vai vender, o lanche, a mercearia, o açougue. Tudo vai girar. Sem ela a gente vive, mas com ela a gente tem uma melhora a mais na nossa vida.

Interessante notar também o descontentamento de alguns entrevistados com a atual situação da usina, que implica atrasos nos pagamentos dos trabalhadores até prejuízos no comércio local. Segundo o entrevistado 9, a usina cumpre o papel de gerar postos de trabalho para os moradores próximos ao passo que não honra os salários de seus funcionários:

É um... modo de emprego pra todos que moram aqui na região. Seria uma boa que ela funcionasse e que, principalmente, pagasse em dia, né. Porque pagamento nosso não tá sendo em dia não. Somente o meu que eu sou, no caso, efetivo desde 2005 até hoje, eu sou efetivo, né. E o que atrapalha mais a usina em termo de emprego e pra poder dar continuidade a vida do pessoal aqui, né, é o pagamento que não tá em dia.

Na posição de comerciante próximo e dependente do movimento local, o entrevistado 7 demonstra seu ceticismo e descontentamento com a usina em sua fala, porém retificando a relevância desta para o comércio local e para o distrito em si:

Vendi mercadoria como minha loja, vendi pra lá e não recebi. [...] Rapaz, sem a usina isso aqui não é nada. Acabou. Eu tenho comércio, vivo daqui. [...] Ah, representa tudo, né. Tudo aqui vem dela. Não tem nada, não tem ela fica tudo parado.

4.2 Paraíso Futebol Clube

O Paraíso Futebol Clube surgiu em 17 de julho de 1917, no Distrito de Tócos, considerando-o, assim, o clube de usina mais antigo do município. Sua fundação ocorreu graças ao engajamento de funcionários da Usina Paraíso, instalada na localidade (PARDO, 2010).

Enquanto praça esportiva, o clube possui o Estádio Benedito Silveira Coutinho (Figura 4), antes denominado Roberto Codray, erguido em propriedades pertencentes à Usina Paraíso. Tal razão se dá pelo homenageado ter sido uma figurava proativa para a existência do clube.

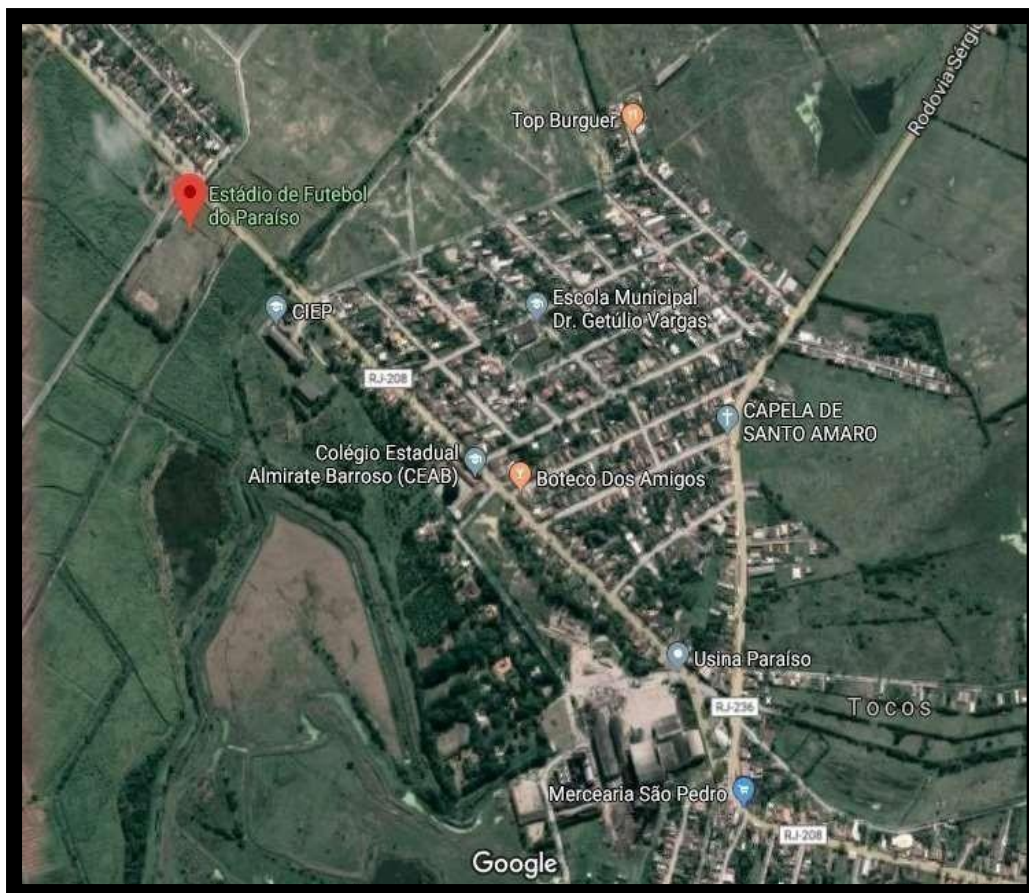


Figura 4 - Vista aérea do Estádio Benedito Silveira Coutinho.

Fonte: Google Maps

Segundo Ourives (1989, p. 95):

Os mais antigos contam que, uma vez fundado o clube de Tócos, seus dirigentes procuraram a direção da usina para dar ciência da fundação do Paraíso e pedir ajuda, o que conseguiram com a doação de grande área, em cujo local foi construído o primeiro campo, mais tarde ocupado pelo Grupo Escolar Almirante Barroso. Anos depois, ainda em terrenos da usina, o Paraíso ganhou nova área, onde se encontra, no prolongamento da Avenida Guilherme Morisson, e em cuja praça de esportes, além do gramado de tamanho oficial e balizas em ferro redondo, existem o aramado e, em volta, para fazer sombra, enormes pés de eucaliptos. Do seu campo constam, ainda, vestiários azulejados para os dois times e para os juízes, bem como três túneis que ligam os mesmos vestiários ao gramado. As suas sociais agasalham também o dormitório para os jogadores, cabines para rádios e uma pequena tribuna, onde, em dias de grandes jogos e em cadeiras de palhinha, a cúpula da usina se senta para festejar as vitórias do time local. Esse estádio já se chamou Roberto Codray e mais tarde passou a ser o Estádio Benedito Silveira Coutinho.

No âmbito das competições, o Paraíso sempre participou do Campeonato Campista, do período amador ao profissional, pelo qual foram vice-campeão duas vezes (1958 e 1976). Como único título, sagrou-se vencedor do Torneio Otávio Pinto Guimarães, em 1975, após derrotar Goytacaz por 2 a 1, no extinto Estádio Godofredo Cruz. Com essa vitória, o Paraíso Futebol Clube virou notícia no Jornal dos Sports (Figura 6).



Figura 5 - Fachada da tribuna.

Fonte: Elaboração própria



Figura 6 - Matéria do título do Paraíso Futebol Clube no Jornal dos Sports.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital (1975)

Cabe ressaltar que, em parte de sua existência, o Paraíso deteve, em seu plantel, atletas paralelos à Usina Paraíso, os quais se dividiam entre a prática do futebol e determinadas funções exercidas na fábrica. Segundo entrevistas, um fator condicionante entre o corporativismo e o esporte em si era a oferta de emprego. Ou seja, aqueles que atuassem na equipe recebiam algum tipo de cargo trabalhista na usina. Tais informações permitem que o clube de Tócos seja alçado à categoria de clube operário, inserindo-o no mesmo panteão de clubes como o Bangu, Juventus da Mooca, Peñarol e Rosário Central. Para além destes dois traços, interessante notar a afetividade acerca do distrito presente na formação da equipe: ao mesmo tempo que os jogadores atuavam no time e vendiam sua força de trabalho para a usina, estes residiam no distrito de Tócos, conforme relatado em entrevista com um antigo funcionário.



Figura 7 - Vista da Usina Paraíso direto do estádio do Paraíso Futebol Clube.

Fonte: Retratos do Futebol Fluminense (Facebook)

Atualmente, existe enquanto clube amador (traço este que carrega desde o fim do Campeonato Campista) e seu estádio se situa em meios às terras da Usina Paraíso. Encontra-se em hiato devido às mudanças de gestão da usina homônima. Ao contrário da ligação com o local ocorrente durante os tempos áureos, os últimos plantéis do Paraíso foram sortidos em questão de seus jogadores, o que já não remonta tanto aos tempos de antigamente.

Para reforçar as informações, foi necessário o exercício das entrevistas¹¹ com moradores de Tócos, funcionários da Usina Paraíso e pessoas que atuaram no Paraíso Futebol Clube. Após o ato do diálogo com estes, compreendeu-se o desejo do retorno das atividades da equipe como forma de promoção da cidadania em prol dos mais novos, a importância histórica e tradicional que a equipe possui além da admissão de seu hiato, dado como um ponto final na história da instituição segundo a palavra de uma minoria.

Conforme o entrevistado 1, morador de Tócos há quinze anos, o Paraíso Futebol Clube deveria apostar na futura geração local:

é um clube “bão”, grande. Só falta ter gente pra poder incentivar. [...] Representa muita coisa, porque se tivesse time botava muita criança pra jogar, ir aprendendo.

Tal explanação remete ao potencial socioeducativo e de formação humana que o futebol possui, com potencial de ser posto em prática por aqueles que trabalham com o tal esporte, pondo, assim, o Paraíso com este potencial. Seguindo este raciocínio, o entrevistado 10 também nos respondeu, o qual atua na Usina Paraíso no ramo dos serviços gerais:

É aquilo que eu te digo, né... Eu... o problema é que eu gostaria até que voltasse, pra aproveitar a juventude que tá aí, pra tirar da rua, entendeu? Nós “precisemos” de uma pessoa que tomasse a frente, que fizesse pelas nossas criança que “tão” aí.

Além desse atributo de prestação de serviços em prol da comunidade local, um outro fator importantíssimo que pode ser extraído das entrevistas é a tradição do Paraíso Futebol Clube, onde o entrevistado 2, o qual é filho, neto e sobrinho de pessoas que atuaram na equipe, afirmou que “*É a tradição daqui, né?*”. No mesmo sentido, o entrevistado 3, o qual atua como comerciante, nascido em Tócos e residente até os dias atuais, afirmou que o clube “*é uma grande coisa [...], é uma força que tem aqui*”.

De modo um pouco mais detalhado, o entrevistado 4, de 27 anos, também residente no distrito desde o nascimento até o presente momento, nos contou:

Eu considero um clube tradicional. Acho importante, pelo menos, preservar a memória. Na medida do possível manter o clube ativo porque é centenário, tem muita história. É um clube típico das usinas do interior do Rio de Janeiro, que tinha a cultura de toda usina tinha um time de futebol. Acho bacana preservar isso daí. Acho interessante.

Em meio a saudosismos, existem aqueles que reconhecem a importância histórica do Paraíso Futebol Clube para o futebol campista e enquanto símbolo da localidade. O entrevistado 5, o qual atuou no setor financeiro da Usina Paraíso e é nascido e criado no distrito de Tócos, enfatizou a relevância histórica do clube em relação aos seus contemporâneos, o que não ocorre

¹¹ Para identificar as falas nos textos, foi necessária a utilização da fonte Arial em Itálico.

com as novas gerações:

Olha, eu acho que... segundo o que ouço falar, já teve uns tempos áureos que eles alcançaram quase algum campeonato. Faz parte da história do distrito e todo esse pessoal que tem aqui, principalmente da minha faixa etária pra cima, tem orgulho da história. A garotada mais nova precisa ser mais trabalhado isso, porque eles conhecem muito pouco.

Já o entrevistado 6 (75 anos), ex-funcionário da usina, jogador do Paraíso Futebol Clube nos anos 50 e residente do distrito desde o nascimento, possui laços sólidos com a instituição esportiva toquense. “*Todos os meus parentes que jogaram futebol jogaram lá.*”, afirmou este. Além disso, complementou:

O meu tio já foi presidente do Paraíso. José Pessanha. [...] Na época, dos times do interior, era um dos grandes. Mas existiam os maiores que eram da cidade. Faziam parte do mesmo campeonato. Na minha época, era a alegria do povo. Eu fico até emocionado em falar! Mas agora não.

Segundo o entrevistado 9, segurança da Usina Paraíso, para além da representação histórica, existe uma certa necessidade de aplicar manutenção na estrutura do estádio e aproveitar o “pé-de-obra” da localidade:

O clube tá precisando de uma reforma, né. Tá dando de se ver que lá precisa de uma reforma boa, principalmente nos muros ali, na parte de vestiário... estrutura em si, em volta do campo, fazer uma estrutura de “lambrado”, a grama tem que manter, entendeu? Então tem que fazer ali um trabalho de estrutura, principalmente em obras, né. E sobre jogadores, por aqui tem muita coisa. Muitos jogadores bons. [...] Esse clube tem história. O Paraíso não nasceu de hoje, isso aí já vem de tempo já. Já ganhou vários títulos aí. [...] Mas o Paraíso tem história!

Ainda em meio ao orgulho do passado e do significado do clube para o lugar, existe o discurso apático e insatisfeito com a situação na qual se encontra o clube. Isso se legitima nas palavras do entrevistado 8, que se apresentou enquanto comerciante e ex-funcionário da Usina Paraíso:

Hoje infelizmente não tem mais time. Então não posso falar. Não era pra ter acabado, mas infelizmente acabou hoje. [...] Então, o clube já representou muita coisa aqui pra Tócos. Tinha torcida, a gente ia torcer. Tinha tudo. Hoje em dia não tem mais nada. Então... [...] Voltou, mas aconteceu umas coisas aí inesperadas, aí parou de novo e foi como eu falei em relação ao nosso amigo André, o André Coutinho. Faleceu, o que mais gostava do time. Depois dele, o Paraíso já não foi o mesmo.

4.3 Usina, cancha, distrito e identidade socioespacial

Para traçar a relação da identidade socioespacial da Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Distrito de Tócos é necessário, antes de tudo, compreender a combinação entre economia e cultura, uma vez que o foco do trabalho transita entre o processo de mecanização

do território e as relações identitárias no espaço geográfico.

Trotsky (2007, p. 33) diz que “a cultura alimenta-se na seiva da economia. É preciso, porém, mais que o estritamente necessário à vida para que a cultura se desenvolva e aprimore”, exercendo a interdependência dialética entre as questões materiais e simbólicas.

Seguindo a mesma tendência, Lukács (1920, p. 1) enfatiza que “[...]se nós compreendemos corretamente a cultura de uma época, compreendemos em suas raízes o desenvolvimento do conjunto dessa época, como se tivéssemos partido da análise de suas relações econômicas”. Tal passagem nos conduz a compreensão da existência da cultura do futebol operário em Campos em meio ao cenário da economia sucroalcooleira na região, no início do século XX¹².

De acordo com as visitas realizadas no Distrito de Tócos, mais precisamente para o conhecimento da Usina Paraíso, do clube homônimo - ida ao estádio num terreno pertencente ao estabelecimento -, em diálogo com moradores da localidade, funcionários da usina, ex-trabalhadores, ex-jogadores, um ex-diretor e com o atual, foi possível perceber que em há certa comunhão, em boa parte da história local, entre a tríade trabalhadores-usina-clube de futebol somada ao pertencimento com a localidade, apesar da negação de alguns entrevistados que usaram o argumento da inatividade e da decadência do clube enquanto outros atrelaram essa ligação ao passado.

Entrevistado K (56 anos), jogador do Paraíso durante três décadas e diretor entre 2000 e 2017 relatou que:

sempre o time foi apoiado e foi tocado pela usina e sempre com apoio da população. (a população) ajudava com presença. Sempre os jogos estavam cheios. A gente tinha esse projeto que a população participava de tudo. EM 2000/2002, a usina fez uma ação social junto com... aquele hospital escola que tem aqui em Campos... o Álvaro Alvim, exército. Todo meado do ano, sei que era esse mês julho, agosto, a gente fazia uma ação social lá, atendia negócio de 800 a 1000 pessoas. Como? Com médico, dentista. Essa parte social todinha. Você ia lá, se consultava. Na mesma hora, o médico, dependendo, te dava a receita. Se precisasse de exame, você já saía com o exame marcado. Sempre teve essa ligação: a usina - de frente -, Paraíso e a população. Fiz várias missas campal dentro do campo do Paraíso [...] na base de 2004, 2005, por aí. Acho que fizemos umas 6 missas lá no campo do Paraíso, porque o pessoal da usina era muito religioso também.

Isto porque boa parte dos indivíduos da instituição supracitada, os quais foram entrevistados, são moradores de Tócos por longa data - exceto um deles o qual reside há menos

¹² Por essa via, prevalece o caso da origem do futebol no Brasil enquanto manifestação cultural inglesa incorporada e praticada pela aristocracia no período das relações comerciais exercidas com a Inglaterra durante o final do século XIX. Lukács (1920, p. 1) reforça a questão quando afirma que “a velha cultura era então a cultura das classes dominantes. Só as classes dominantes estavam em condições de por a serviço da cultura suas atividades dotadas de valor[...]”

de dez anos no município de Campos dos Goytacazes, apesar de nascido e criado na localidade pertencente a Baixada Campista - atuaram no clube local e, ao mesmo tempo, obtém/obtiveram vínculo empregatício com a usina. Nesse sentido:

A identidade e a cidadania se configuram, então, numa relação com vários aportes culturais. Desse modo, as identidades nacionais e locais podem persistir, desde que seja considerada e re-situada em uma comunidade multicontextual. Assim, a identidade dinamizada por esse processo será uma narração ritualizada, um relato construído e reconstruído, incessantemente, junto com os outros. Por isso, pode-se afirmar que a identidade é, também, uma co-produção. Essa co-produção se realiza em condições desiguais, entre os variados atores e poderes que nela intervêm; se recompõe nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura. Esses modos diversos de co-produção devem ser considerados ao se relacionar identidade e cidadania (LEITE, 2012, p.41).

Por esta via, é compreensível o que foi abordado no início do subcapítulo, acerca das sociabilidades e convivência entre os atores em relação à fábrica e ao time, o que forma uma certa congruência entre estes e o distrito.

Segundo Entrevistado X (42 anos), vigia da Usina Paraíso e atual diretor da equipe:

os moradores ajudam... o time é uma tradição do local! O time deu uma parada, mas a turma pergunta quando vai voltar. Deu uma parada também por causa dos custos. Se a usina não ajudar, não tem como segurar. Gasta muito! Aí com negócio de moagem e arrendamento, estamos mexendo pra ver pra em 2020 voltar. Mas voltar amador. (Disputar) Taça Cidade de Campos, esses campeonatos amadores. Para não parar porque é tradição. Todo domingo a turma gosta de ver um jogo. [...] a usina ajuda, a localidade também ajuda.

Ainda assim, é possível se escorar no discurso dos entrevistados e ressaltar a questão da vivência de cada um acerca do clube e da usina, em referência à comunidade. A partir deste pressuposto, é possível abrir o leque do que é denominado como identidade, no âmbito das Ciências Humanas, com o objetivo de entrelaçar a tríade a tal conceito. Para isso, é pertinente recorrer ao que Hall (2015, p. 11) denomina enquanto “sujeito sociológico” acerca da inserção do indivíduo de acordo a sua participação em determinado meio social, relatando que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo público. O fato de que estamos projetando a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.

Dessa forma, o discurso dos entrevistados se faz alinhado ao conceito do sociólogo jamaicano no momento em que um deles relatou que a maioria da mão-de-obra da usina “sempre foi local” e, ainda assim, existia a prática de jogar no Paraíso e receber um emprego como gratificação/incentivo, o que denota ainda mais a organicidade inerente em tal tríade

supracitada de acordo com a questão local.

Segundo o Entrevistado Y, vigia da Usina Paraíso há 32 anos, ex-jogador do clube homônimo durante o período amador e morador da localidade de Tócos:

A maioria era daqui. Funcionários. Tudo empregado da Usina. Quem jogava no Paraíso, a usina arrumava serviço pra eles... Fiscal de lavoura, tratorista, várias funções em prol da Usina. O time era em prol da Usina. Eu mesmo fui um deles (risos). Eu jogava lá e trabalhava cá. Agora, já não é em prol da Usina. Pega um daqui... de vários lugares. Isso começou na época de Robenilton.

Conforme Tuan (1980, p. 114) “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. E em se tratando da espacialidade referente à identidade de tais atores descrita no parágrafo anterior, é pertinente atrelar os relatos dos indivíduos à narrativa remetente ao passado, formado pela movimentação que a equipe atribuía ao lugar nos dias de jogos e em relação às oscilações produtivas da usina, num tom de memória afetiva. Nessa perspectiva, é interessante avaliar o discurso do entrevistado 5, o qual nos relatou:

Hoje é muito menos, mas outrora era muito. Quem financiava todo o clube era a usina, os subsídios todos para o clube era a usina, e, conseqüentemente, para toda a localidade. Era uma coisa só! A usina, o clube que era a diversão e o serviço, mas hoje o clube ficou mais como uma diversão esporádica.

Além deste, tal discurso dotado de “consciência do passado” também foi apresentado pelo Entrevistado Z (68 anos), morador de Tócos e antigo prestador de serviços na Usina Paraíso:

Porque todas as usinas tinham seu time próprio. Existia o Campeonato do Interior, que era super respeitado. Mas era só praticamente usina, então os caras às vezes deixavam de jogar num time profissional pra jogar num time de usina, a troca do emprego. Naquela época o emprego de usina era excelente, nos anos 60, anos 70... [...] Jogava com Goytacaz, Americano. Paraíso tinha uma torcida grande, o time daqui era bom pra caramba. E a maioria do pessoal era funcionário da usina. A usina dava o emprego para eles jogarem futebol. Tanto aqui quanto nas outras aí também. Baixa Grande, Cambaíba tinha time bom. Era muito bom. Tinha Martins Lage, mas era só álcool. Um domingo à tarde de futebol aí era festa. Campo enchia. Mulherada! Torcida! Era lotado... Era festa. Qualquer lugar quando cruzava um Paraíso e Cambaíba, um Paraíso e Baixa Grande, Mineiros, Queimado, Poço Gordo... Só tinha time excelente. Só tinha jogador de bola bom. Só craque! Tinha Tadeu, Ronaldo, mas do time tinha que pegar Tadeu mesmo. Eu joguei pouco por aqui. Mas Tadeu jogava bem... Pereira, Naldo. [...] O time sempre renovou, mas teve uma geração de jogadores muito bons. [...] O time do Paraíso, ele é afiliado à Usina. O vínculo à Usina. O terreno também. Hoje pertence à Liga Campista. Mas sim, a sede é do Paraíso. Não sei se doou por definitivo, mas eu acho que não é doado não... Eles fazem eventos de ação social lá no campo.

Por esse caminho, é visível a relação simbólica a qual reforça elos entre os antigos funcionários da usina, o clube e moradores do - também nascidos no - Distrito de Tócos, a qual é reforçada no decorrer do trabalho.

Acerca da manifestação das identidades no espaço geográfico, Haesbaert (1999, p.178) utiliza o artifício territorial quando diz que:

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como o do Estado-nação.

Através desse raciocínio, é interessante frisar o que o entrevistado 4 nos expôs no que concerne à identidade socioespacial da Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Distrito de Tócos, o qual afirma a integração pertinente aos três casos:

Tem muita ligação, né. Ligação assim, mais marcada, é primeiro você tem a Usina Paraíso, tem várias coisas aqui que ganham o nome por conta da usina. O bairro ali onde eu moro é Jardim Paraíso, que foi um loteamento mais novo, mais recente, da década de 80 aí eles deram o nome de Jardim Paraíso. Tinha o Cineclube Paraíso, que era ligado a usina aqui também, centenário, mas hoje já acabou. [...] É uma identidade muito marcada. Acho que o clube tem muito a ver com a usina e com a localidade.

Dessa forma, Castells (1999, p. 84) afirma que “[...] as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades”. Tal passagem ilustra de maneira sucinta a razão do trabalho, calcada no contorno existente entre o Distrito de Tócos, a Usina Paraíso e o Paraíso Futebol Clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revelou a possibilidade de descrever o futebol não apenas quanto um desporto, mas também na forma de manifestação cultural que se torna presente no espaço geográfico, no que diz respeito às questões da identidade e dos simbolismos espaciais.

Ainda assim, é possível analisar tal desporto em consonância com diversos âmbitos das relações sociais, como em ambientes fabris, escolares e no que diz respeito ao espírito comunitário em determinados bairros, conforme foi relatado durante trabalho acerca do surgimento do futebol no Brasil e na Argentina, exatamente por essas vias, e pelo próprio tema do estudo em si. Desta forma, percebe-se que o futebol serve enquanto um riquíssimo conteúdo para se fazer ciência de uma maneira bastante ampla sobre o esporte bretão nas Ciências Humanas de um modo geral.

Além disso, há o pressuposto o qual o esporte das multidões sempre se manifestou a reboque do curso da história, onde sua inserção e a criação de clubes sempre obedeceu dinâmicas particulares de cada nação, principalmente no que diz respeito aos processos econômicos, conforme visto na pesquisa, onde o futebol se insere intrinsecamente associado, por exemplo, ao alvorecer do período republicano no Brasil, no final do século XIX, no qual as relações comerciais com o Velho Mundo (enquanto nação dependente e subserviente a esta) foram determinantes para o surgimento de uma nova estrutura social no país, já que na época o capitalismo se encontrava em fase de expansão rumo à periferia do sistema. E em meio a essas profundas transições, ali estava o futebol enquanto produto cultural europeu sendo inserido por aqui, primeiro nos seios aristocráticos para depois chegar ao povo em si.

Adentrando a um diálogo de escalas, a questão nacional se espelha na questão local quando o futebol campista também se desenvolve no meio fabril e industrial, no qual os clubes de usina tomam corpo e as mãos que manejam as máquinas são partes do mesmo corpo onde os pés controlam a pelota. Interessante notar (ainda inserido na questão escalar) que do modo no qual as ferrovias e indústrias trouxeram o futebol para os grandes centros nacionais, as usinas (organizadas também por maquinário britânico) serviram de aporte para a manifestação do esporte bretão em Campos dos Goytacazes.

Desta maneira, em termos específicos e particulares ao tema principal, o trabalho expõe a existência de uma interligação simbólica entre a Usina Paraíso, o clube de futebol homônimo, o distrito de Tócos e seus antigos moradores, a qual proporciona marcas de um passado recente no que tange a identidade local manifestada e ao sentimento de memória afetiva das práticas e das sociabilidades ocorrentes no lugar, apesar do estado de decadência do empreendimento e da inatividade da equipe estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Fátima. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, n. 22, p. 102-109, 30 ago. 1994.
- ARRUDA, J. J. A.. O novo imperialismo britânico e o fenômeno Brasil. **Revista USP**, v. 79, p. 22-33, 2008.
- AZEVEDO, Hamilton Jorge de. Uma análise da cadeia produtiva da cana-de-açúcar na Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; SILVA NETO, Romeu, (orgs). **Economia e Desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo**, Campos dos Goytacazes: WTC Editora, 2004.
- BELLANI, João José. **A memória do futebol barbareense... até os dias de hoje**. Santa Bárbara D'Oeste: Editora Shekinah. 1985.
- BETHELL, L. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai . **Estudos Avançados**, v. 9, n. 24, p. 269-285, 1 ago. 1995.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Jornal dos Sportes (RJ): 1970 – 1979**. 1975. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_04&pagfis=32896>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- CAMPO GRANDE NEWS (2017). Disponível em: <http://abre.ai/amFO>
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da Informação: economia sociedade e cultura**. v. 2. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- CARVALHO, Jéssica. **Usina Paraíso: de engenho à usina**. 2009. Disponível em: <<https://sapiencias.blogspot.com/2009/05/usina-paraiso-de-engenho-usina.html>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 6.ed. 1999.
- EMELEC. **CLUB SPORT EMELEC: EL NACIMIENTO DE EMELEC**. Disponível em: <<http://emelec.com.ec/el-nacimiento-de-emelec/>>. Acesso em: 26 jul. 2019.
- FRANCISCO, Quésia de Souza. **A agroindústria canavieira de Campos-RJ e os royalties do petróleo a partir da percepção dos atores**. (dissertação). Campos dos Goytacazes, RJ, 2009. 126 f.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 433p .
- FRYDENBERG, Julio D.. Los Nombres de los clubes de fútbol: Buenos Aires, 1880-1930. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 2, set. 1996. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd2/22jdf11.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

GALEANO, Eduardo H. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES FILHO, Hélio. **Divisão internacional do trabalho e direito à cidade (de porte médio) no Norte Fluminense: legado e maldição de Prometeu** (tese). UERJ, 2017. 349 f. Disponível em: <<http://ppfh.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Tese-NORMALIZADA-site-2.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. **Criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional no Brasil e na Argentina**. In: XXVI Encontro Nacional da ANPOCS, 2002, Caxambu - Minas Gerais. Programa e Resumos XXVI Encontro Nacional da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2002. p. 91-91.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

INSTITUTO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES (Org.). **Nosotros y el fútbol**. 1997. Disponível em: <http://abre.ai/amFq>. Acesso em: 31 ago. 2019.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11250/1/2012_CristinaMariaCostaLeite.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2019.

LUKÁCS, György. **Velha e Nova Cultura**. 1920. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/misc/velhaenovacultura.htm>. Acesso em: 31 ago. 2019.

MAGALHÃES, Marize Arcuri. Relações Brasil-Inglaterra no 1º Império (Reconhecimento da Independência, Abolição de Tráfico e Tratado de Comércio). **Revista de História**. São Paulo: 45 (92). 1972

MASCARENHAS, G. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova** (Barcelona), Barcelona, v. 3, 1999a.

MASCARENHAS, G. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões** (UNICAMP), Campinas, v. 1/2, p. 46-59, 1999b.

MASCARENHAS, G. **A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul**. Buenos Aires: 2000. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/index.php/EFDeportes>>. Acesso em 22 jun. 2019.

MASCARENHAS, G. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEographia** (UFF), v.4, p. 32-47, 2002.

MASCARENHAS, G. Primórdios do futebol na Cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 169, p. 101-112, 2008.

MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. 1. ed. rio de janeiro: EdUERJ, 2014. v. 1. 254p .

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de José Barata Moura. Lisboa, Portugal. 2005. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

OURIVES, Paulo. **História do futebol campista**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1989. 182 p.

PARDO, Aristides Leo. **No país do futebol, cidade sem memória: A história Futebolística de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes: RJaneiro, 2010. 137 p.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu Império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano. **HISTÓRIA**. (São Paulo) v. 35, p. 1-24, 2016.

PASSOS, William Souza. **Cana-de-açúcar, petróleo e as grandes intervenções regionais recentes: projetos setoriais em disputa no campo dos discursos regionalistas de desenvolvimento de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes, RJ, 2011. 111 p.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, 1968 – **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. 1992 – 1938/ Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **O Ciclo do Açúcar em Campos**. Campos dos Goytacazes: edição do autor, 1995.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **Um Pedaco de Terra Chamado Campos**. Campos: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2006

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REIS, Manoel Martins do Couto. **Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis, 1785**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

RINKE, S.. ¿La última pasión verdadera? Historia del futbol en América Latina en el contexto global. **Iberoamericana**, v. 7, n. 27, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18441/ibam.7.2007.27.85-100>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

ROSENDO, Roberto. CARVALHO, Ailton M. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto M.; SILVA NETO, Romeu (Orgs.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo**. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, p. 27-76, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Leonardo Soares dos. Os times de usina de Campos dos Goytacazes/RJ (1917-1980). **Petróleo, Royalties e Região**, v. XV, p. 25-31, 2017.

SANTOS JUNIOR, N.J. . Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 6, p. 1-19, 2013.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. Futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Espaço Plural**, v. XIV, p. 15-44, 2013.

TAVARES, Davi. Kiermes; COLVERO, R. B. **Ingleses no Brasil: Estilo de Viver, Estilo de Morrer**. Seminário de História da Arte, v. 5, p. 1-24-24, 2015.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VASCONCELOS, A. A. de. **Identidade futebolística: os torcedores "mistos" no Nordeste** (dissertação). UFC, 2011. Disponível em: <
<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6377/1/2011-DIS-AAVASCONCELOS.pdf>>.
Acesso em: 14 jul. 2019.

ANEXO

ENTREVISTAS

1) Entrevista Milton

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Milton

Qual é sua idade? 53 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Há 15 anos

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Trabalhei de servente

Algum familiar já trabalhou? Não

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Não, foi normal mesmo.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Não. Aí eu trabalhava em outro canto.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos?

Representa muita coisa, né. Ela parada o lugar acaba. [...] Não circula dinheiro, rapaz. Olugar, o movimento fica fraco. Não circula. Ela tá trabalhando mas é com pouca gente. É tipo estocar cana. Estoca e leva pra outra.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Sim

Já frequentou? Como? Quando tinha eu ia lá ver, mas jogar não. [...] Faz mais de 10 anos.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não

Algum familiar já foi diretor? Não

Qual a sua avaliação sobre o clube? O clube é um clube “bão”, grande. Só falta ter gente pra poder incentivar.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

Representa muita coisa, porque se tivesse time botava muita criança pra jogar, ir aprendendo.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos?

No caso ela (Usina Paraíso) movimentando, fica bom pra todo mundo. Fica bom pro campo também, que ela possa investir no campo. Estando parado aí, como é que vai investir?

2) Entrevista Rodrigo

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Rodrigo

Qual é sua idade? 44 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Desde quando me entendo como gente.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Já. Encarregado de armazém.

Algum familiar já trabalhou? Já trabalhou. Meu irmão

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Não. Porque eu sempre trabalhei nela e nunca interferiu em nada, assim, de mal não.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Já. Parava de moer, parava de fabricar e o sujeito ficava sem dinheiro.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Representa o lugar.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Já ouvi falar, só não acompanho.

Já frequentou? Como? Não.

Algum familiar já jogou no Paraíso?

Meu pai, meu avô, meu tio e meu filho. [...] Meu avô foi técnico, meu pai foi ponta-direita, meu tio foi ponta-esquerda e meu filho joga também. [...] Isso na época de 70, quando o Paraíso era bem sucedido. Amaro, Osmar e Odir.

Algum familiar já foi diretor? Não, não

Qual a sua avaliação sobre o clube?

Eu não posso achar nada, porque eu não acompanho. Mas...

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

É a tradição daqui, né.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Tem. Bastante. O pessoal ajuda, né. A localidade... Esses dias estava fazendo um evento aí como churrasco pra chamar mais a população. Mas a usina agora tá em decadência, aí caiu muito.

3) Entrevista Carlos Victor (dono de bar)

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Carlos Victor

Qual é sua idade? 38 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Sou nascido e criado.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Já. Motoqueiro.

Algum familiar já trabalhou? Já. Parente, né? Tio, primo...

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Não.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Sim. Muito, Comércio aqui, fica tudo parado, “cabô” movimento...

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? O coração. O coração de Tócos é ela. Sem ela quebra 70%.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Sim

Já frequentou? Como? Já. Só pra assistir jogos.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não.

Algum familiar já foi diretor? Não.

Qual a sua avaliação sobre o clube?

Rapaz, antigamente era “bão”, todo mundo gente boa, né. Agora acabou tudo, né.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

Muito bom, pessoal bom, todo mundo gente boa. E é uma grande coisa o time, é uma força que tem aqui.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos?
Não, não

4) Entrevista Rafael

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Rafael

Qual é sua idade? 27 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? A vida toda, aos vinte e sete anos. Sempre morei aqui

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função?

Já. Eu fiz, na verdade, estágio lá, né. Considero trabalho, né. Estagiei durante três meses antes do meu primeiro emprego.

Algum familiar já trabalhou?

Sim. Meu pai trabalhou quase a vida toda. Meu avô trabalhou a vida toda. [...] Meu avô foi operário e vários setores lá de dentro da usina, e aí quando ele aposentou, acho que chegou a aposentar na fábrica, ele começou a trabalhar como caseiro da casa-grande, dos donos da usina, e numa cooperativa que a usina tinha que... vendia leite. Eles têm uma fazenda aqui atrás, de produção de leite aí ele ajudava lá produzir o leite e fazer queijo.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida?

Cara, sim. Na vida, eu acho, que de todo mundo aqui da localidade. Porque tem a safra e entressafra. Durante a safra, a usina ela mói açúcar, mói cana que vem de toda essa região aqui. Aí tem queimada, um método primitivo de corte. Eles queimam... Isso daí gera cinza, sujeira. Você vê também nas ruas e ali você pode perceber que tem muito bagaço de cana caído, que as carretas vêm tombando. E o impacto é esse. Sujeira, poluição. Mas, o aspecto positivo é que na safra ela gera um volume de trabalho temporário, absorvido pela maioria do pessoa da localidade aqui mesmo.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Não. Interfere não.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos?

Rapaz, acho que identidade. Tócos surge por conta da usina, do engenho, a localidade. As primeiras ruas e casas foram construídas pela usina, era a vila de operário, né. Toda localidade, o porquê de existir a localidade é por conta da usina. Orbita a usina. E hoje é questão de identidade mesmo. Hoje a localidade é independente, já foi muito dependente da atividade econômica da usina, há umas décadas atrás. Todo mundo aqui praticamente dependia economicamente da usina. Hoje não mais, mas ainda ajuda muitas pessoas principalmente as que não tem muita especialidade profissional. E ainda tem um papel, né. Ainda tem um papel.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Conheço. Aqui acho que todo mundo conhece, né. Porque tem a presença do campo aí. Tinha escolinha de futebol. Mesmo quem não é muito ligado a futebol conhece o clube, sabe que é da usina, que a usina fundou.

Já frequentou? Como? Não, nunca frequentei não... Quando era criança, assistia um jogo ou outro, mas nunca cheguei a frequentar não.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não. Pessoal ruim de bola pra caramba (risos)

Algum familiar já foi diretor? Também não.

Qual a sua avaliação sobre o clube? Eu considero um clube tradicional. Acho importante, pelo menos, preservar a memória. Na medida do possível manter o clube ativo porque é centenário, tem muita história. É um clube típico das usinas do interior do Rio de Janeiro, que tinha a cultura de toda usina tinha um time de futebol. Acho bacana preservar isso daí. Acho interessante.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos? Cara, eu acho que é lazer, né. Acho que um clube de futebol assim tá ligado ao momento de folga do trabalhador, quando ele se diverte, ele encontra os amigos ali. Brasileiro gosta muito de futebol, aqui também... Acho que é isso. Ligado a lazer.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos?

Tem muita ligação, né. Ligação assim, mais marcada, é primeiro você tem a Usina Paraíso, tem várias coisas aqui que ganham o nome por conta da usina. O bairro ali onde eu moro é Jardim Paraíso, que foi um loteamento mais novo, mais recente, da década de 80 aí eles deram o nome de Jardim Paraíso. Tinha o Cineclube Paraíso, que era ligado a usina aqui também, centenário, mas hoje já acabou. [...] É uma identidade muito marcada. Acho que o clube tem muito a ver com a usina e com a localidade.

5) Entrevista Edimar

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Edimar José de Barros Gomes

Qual é sua idade? 57 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Eu nasci aqui, mas eu passei do ano de 81 a 90 eu morei fora. Retornei e moro aqui até hoje.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Durante 23 anos. Eu era do financeiro da empresa.

Algum familiar já trabalhou? Meu pai, meus tios. A maior parte da minha família trabalhou na usina. Quase todos.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Com certeza. Eu ainda possuo valores presos à usina, entendeu? E foi quem me sustentou na maior parte da minha vida, minha família.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida?

Atualmente não. Só na questão do dinheiro que ainda tenho a receber. Eu torço para que ela, não só por mim, mas pela comunidade que ela retorne pra ajudar a todos aqui, no emprego e na produção.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos?

Até uns 20, 30 anos atrás era tudo. Hoje já é uns 10, 20%. Representa muito pouco. Atualmente muito pouco.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Eu conheço. Não sou muito fã, de acompanhar, mas de vez em quando a gente olhava uma partida e ainda vejo a galera jogando amistosamente.

Já frequentou? Como? Não. Direto não.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não.

Algum familiar já foi diretor? Também não.

Qual a sua avaliação sobre o clube?

Olha, eu acho que... segundo o que ouço falar, já teve uns tempos áureos que eles alcançaram quase algum campeonato. Faz parte da história do distrito e todo esse pessoal que tem aqui, principalmente da minha faixa etária pra cima, tem orgulho da história. A garotada mais nova precisa ser mais trabalhado isso, porque eles conhecem muito pouco.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos?

Hoje é muito menos, mas outrora era muito. Quem financiava todo o clube era a usina, os subsídios todos para o clube era a usina, e, conseqüentemente, para toda a localidade. Era uma coisa só! A usina, o clube que era a diversão e o serviço, mas hoje o clube ficou mais como uma diversão esporádica.

6) Entrevista Seu Odir

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Odir

Qual é sua idade? Hoje tô com 75 anos

Qual é o seu gênero?

Mora em Tócos há quanto tempo? Desde que nasci.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Já, há 36 anos. Encarregado de expedição.

Algum familiar já trabalhou? Muitos familiares, só que... Meus tios, meus antecedentes, meu pai trabalhou também.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Sim, porque foi através dela que eu ganhei meu pão para criar meus filhos aqui, minha esposa.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Não só pra mim, como para o pessoal de Tócos. Sem a usina, que é o ganha pão de todos aqui não pode depender só dos aposentados.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Ah, é o... termômetro de Tócos é a Usina Paraíso, quanto mais para a população.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Atualmente não, mas antes eu conheci.

Já frequentou? Como? Joguei futebol no Paraíso. Joguei dos 13 até os 17 anos. Em 1957, 58...

Algum familiar já jogou no Paraíso? Todos os meus parentes que jogaram futebol jogaram lá.

Algum familiar já foi diretor? O meu tio já foi presidente do Paraíso. José Pessanha.

Qual a sua avaliação sobre o clube?

Na época, dos times do interior, era um dos grandes. Mas existiam os maiores que eram da cidade. Faziam parte do mesmo campeonato.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos? Na minha época, era a alegria do povo. Eu fico até emocionado em falar! Mas agora não.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Na minha época existia muita relação, porque a usina apoiava o Paraíso, o time de futebol. Então era a alegria do povo, como falei antes. Nos dias atuais, não sei porque eu nem sei se existe o time ainda.

7) Entrevista Carlos Américo

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Carlos Américo

Qual é sua idade? 66 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? 66

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Não. Nunca trabalhei não. Vendi mercadoria como minha loja, vendi pra lá e não recebi.

Algum familiar já trabalhou? Não.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Rapaz, sem a usina isso aqui não é nada. Acabou. Eu tenho comércio, vivo daqui.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Não funciona, acaba tudo. A pobreza total.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Ah, representa tudo, né. Tudo aqui vem dela. Não tem nada, não tem ela fica tudo parado. Esse alvoroço não é nem da usina daqui. Tem nada a ver com aqui. Só ocupa o pátio ali.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Conheço. O campo ali eu conheço.

Já frequentou? Como? Ah, há cinquenta anos atrás. Eu ia lá. Parei. Há muito tempo. [...] Como torcedor.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não.

Algum familiar já foi diretor? Não. Foi nada não.

Qual a sua avaliação sobre o clube? Não tenho nem opinião... não tem nada lá mais. Já teve. Agora eu não tenho nada a dizer. Acabou, está abandonado.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos? Nada. Acabou há muito tempo. Antigamente era bom, antigamente! Tinha um time bom. Hoje não tem mais não. Nem time tem mais.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? A usina tá caída. Já teve já. Era bom, na época era bom. Mas agora não tem mais nada não... Acabou.

8) Entrevista Douglas

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Douglas

Qual é sua idade? Eu tenho 30 anos. Sou comerciante, sou autônomo. Trabalho com a renda daqui mesmo, do pessoal que tem aqui. Eu vendo bebida, vendo salgado.

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Nascido e criado aqui. Trinta anos.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Já trabalhei já. Eu fui... eu trabalhei de diluidor, no caso eu trabalhava na destilaria, onde fazia o álcool, o etanol, são comercializados em vários postos. Traba-lhei em coisa de dois anos, mas agora, infelizmente, não funciona mais mas isso não vem ao caso.

Algum familiar já trabalhou? Já também. Aqui... geralmente de 100%, 90% ja trabalhou aqui. 10% vai estudar, vai procurar outras coisas mas 90% já trabalhou aqui.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Interfere. No sentido positivo, porque ela faz render. Se ela estiver funcionando, vai ter o pessoal trabalhando, carteira assinada, vai render. Aí ela gera emprego, do emprego gera o salário, do salário o pessoal ja tem um dinheiro no bolso pra gastar nos comércios, então o dinheiro vai circular. Então, ela funcionando pra mim e acredito que pra todos seja melhor. Funcionar! Parar nunca.

Muita coisa. Interfere na vida não só minha mas de muita gente. Porque o pão de cada dia sai daqui. É uma indústria. Isso aí é uma indústria. Se ela estiver parada, o dinheiro não gira. Então se ela funciona, dinheiro automaticamente vai girar. Então, ela interfere em tudo quando ela tá parada.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Muita coisa. Representa o giro do dinheiro, né. O dinheiro, ele tem que girar. A indústria funcionando, se aqui tá funcionando,

o comércio, a padaria vende. O bar vai vender, o lanche, a mercearia, o açougue. Tudo vai girar. Sem ela a gente vive, mas com ela a gente tem uma melhora a mais na nossa vida.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Rapaz, não tanto conheço como já joguei também. Eu já tenho 30 anos hoje, eu com 18, 19 anos eu jogava no Paraíso Futebol Clube. É um time que gosto muito, já jogou familiares meus, até meu pai já jogou lá. Meu pai foi o Ézio Monteiro. Trabalhou até no escritório da usina. Trabalhou vinte e oito anos aqui dentro e jogou bola também. Jogou muitos anos. Foi um craque de bola meu pai! Então o paraíso hoje tá lá do jeito que tá. Teve até uns interesses pra voltar, mas infelizmente nosso amigo André morreu de acidente na BR-101, infelizmente uma fatalidade. Morreu ele e a esposa dele. Era o que mais gostava do time. Ele ia ver o jogo. Ele ajudava demais o time. Infelizmente veio a óbito, aí depois disso também o time acabou mas eu joguei muito tempo no Paraíso. Fiz vários gols, fui artilheiro! Mas hoje, infelizmente, tá tudo jogado. Não tem mais nada.

Já frequentou? Como? Já, direto!

Algum familiar já jogou no Paraíso? Sim, sim.

Algum familiar já foi diretor? Não. Não se envolvia. O meu negócio era jogar futebol. Depois tinha a farrá lá. Uma cervejinha, pá. Era uma carne. Uma coisa simples que podia fazer pra gente mas infelizmente não fez. Aí cabou o time de vez mesmo. Aí já era.

Qual a sua avaliação sobre o clube? Hoje infelizmente não tem mais time. Então não posso falar. Não era pra ter acabado mas infelizmente acabou hoje.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos? Então, o clube já representou muita coisa aqui pra Tócos. Tinha torcida, a gente ia torcer. Tinha tudo. Hoje em dia não tem mais nada. Então... [...] Voltou, mas aconteceu umas coisas aí inesperadas, aí parou de novo e foi como eu falei em relação ao nosso amigo André, o André Coutinho. Faleceu, o que mais gostava do time. Depois dele, o Paraíso já não foi o mesmo.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Não tem mais não. O que tinha era o André, que ajudava. Então hoje ninguém ajuda. Ai meu Deus do céu! Eles não tão nem se ajudando. Tá fechado lá, oh. Complicado. E uma área de lazer imensa. Aquilo alí é grande! Túnel... é o único estádio da Baixada que tem túnel. Então não tem como. Podia ter alí, uma Prefeitura entrar alí e fazer um programa social, botar pras crianças, pros adolescentes, pra idoso, pra tudo! Mas infelizmente não tem nada. A gente não vai tirar dinheiro do nosso bolso. A vontade... se eu tivesse, eu fazia. Eu fazia se eu tivesse, mas eu não tenho. Então a gente fica esperando, espe-rando, esperando, esperando... até quando nós vamos esperar?

9) Entrevista Éverton

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Éverton de Carvalho Santos

Qual é sua idade? 43 anos

Qual é o seu gênero? Masculino

Mora em Tócos há quanto tempo? Há 43 anos.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Segurança.

Algum familiar já trabalhou? Não.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Muito. Principalmente pagamento atrasado.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida?

Não. [...] Desde que o pagamento esteja em dia não interfere não, mas está sendo atrasado os pagamentos. (O pagamento) tem que entrar, de qualquer jeito. Moendo ou não moendo.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos?

É um... modo de emprego pra todos que moram aqui na região. Seria uma boa que ela funcionasse e que, principalmente, pagasse em dia, né. Porque pagamento nosso não tá sendo em dia não. Somente o meu que eu sou, no caso, efetivo desde 2005 até hoje, eu sou efetivo, né. E o que atrapalha mais a usina em termo de emprego e pra poder dar continuidade a vida do pessoal aqui, né, é o pagamento que não tá em dia.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Conheço, mas não sigo não. Dificilmente vou lá num jogo, tipo assim. Difi-cilmente eu vou algum jogo do Paraíso. Lá uma vez ou outra eu vou. Eu conheço mas não sigo.

Já frequentou? Como? Já fui só uma vez só, no ano passado, num jogo lá que deu vontade de ver. Também não voltei mais.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não. Nenhum.

Algum familiar já foi diretor? Não.

Qual a sua avaliação sobre o clube? Hoje?

O clube tá precisando de uma reforma, né. Tá dando de se ver que lá precisa de uma reforma boa, principalmente nos muros alí, na parte de vestiário... estrutura em si, em volta do campo, fazer uma estrutura de “lambrado”, a grama tem que manter, entendeu? Então tem que fazer alí um trabalho de estrutura, principalmente em obras, né. E sobre jogadores, por aqui tem muita coisa. Muitos jogadores bons.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

Esse clube tem história. O Paraíso não nasceu de hoje, isso aí já vem de tempo já. Já ganhou vários títulos aí. [...] Mas o Paraíso tem história!

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Sim, porque o Paraíso, o campo do Paraíso faz parte da Usina Paraíso, né. Quer dizer, o campo do Paraíso precisa da usina pra se manter. Só que a usina hoje não está em boa condições financeiras pra manter o cluber em alta, né. Porque é muito difícil manter um clube em alta com as coisas que tem que fazer. As obras... tem que fazer. Levar o time pra jogar, incentivar os

jogadores, os novos que estão vindo e os que já estão. A renovação de jogadores aqui dentro da localidade é enorme.

10) Entrevista Valmir

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Valmir

Qual é sua idade? 66

Qual é o seu gênero? Masc

Mora em Tócos há quanto tempo? Ah, quarenta e oito anos. [...] Não nasci aqui. Moro aqui. Me considero como filho de Tócos.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Sim. Ah... não tenho cargo, entendeu? Serviços gerais, entendeu?

Algum familiar já trabalhou? Docílio, meu filho trabalhou. Mecânico.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida?

Olha, vou dizer você. É... Momento eu já tive muito bom, mas atravessa alguns “momento” que vou dizer você a verdade: pro lado de cá, a convivência minha, uma das pessoa de liderança não me “trapalha” não que resolvo tudo com ele.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Gostaria que ela estivesse moendo, porque seria bom pra todo mundo.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Tudo! Tudo! O bom que ela voltasse como antigamente era. Ela é o pé da raiz de Tócos! É a Usina Paraíso! O meu desejo é que ela volta o que era. Criei meus filhos daqui nela, entendeu?

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Sim.

Já frequentou? Como? Não acompanhei, mas faço voto que posso até voltar porque é tradição do lugar.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não, não.

Algum familiar já foi diretor? Não.

Qual a sua avaliação sobre o clube?

É aquilo que eu te digo, né... Eu... o problema é que eu gostaria até que voltasse, pra aproveitar a juventude que tá aí, pra tirar da rua, entendeu? Nós “precisemos” de uma pessoa que tomasse a frente, que fizesse pelas nossas criança que “tão” aí.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

É o que que falei com você? Tudo na vida de Tócos, como a Usina Paraíso para nós.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Não. Isso aí não.

11) Entrevista Jorge

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Jorge

Qual é sua idade? 47

Qual é o seu gênero? Masc

Mora em Tócos há quanto tempo? 47 anos. Desde que nasci.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Sou... Tratorista.

Algum familiar já trabalhou? Tem uns irmãos meus que trabalham aqui.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Não.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Aí sim. Interfere, né. [...] Fica ruim de dinheiro.

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Ah, é uma indústria, né? É bom pra Tócos.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Conheço.

Já frequentou? Como? Já. Jogador. [...] Em 2000, na época de Seu Vardinho.

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não, não. Só eu mesmo.

Algum familiar já foi diretor? Não, também não.

Qual a sua avaliação sobre o clube? Bom, bom time.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos? Bom, bom também. Referência.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos? Rapaz, não sei dizer a você não.

12) Entrevista Marinês

Bloco 1 - Identificação

Qual é o seu nome? Marinês

Qual é sua idade? 49

Qual é o seu gênero? Feminino

Mora em Tócos há quanto tempo? Há muito tempo (risos). Há uns 35 anos. [...] Nasci na Quixaba.

Bloco 2 - Relação com a Usina Paraíso

Já trabalhou na usina? Em qual função? Não.

Algum familiar já trabalhou? Também não.

O tempo de funcionamento da usina interfere em sua vida? Interfere sim, né. Ela moendo, né, fica bem melhor. [...] No lucro, porque eu trabalho em comércio e ela moendo ela rende mais. Tem mais funcionário, pessoas trabalhando.

O tempo de pausa da usina interfere em sua vida? Interfere, porque a gente trabalha bem menos (risos).

Na sua opinião, o que a Usina Paraíso representa para Tócos? Tudo. [...] No trabalho, ela dá emprego, a gente trabalha mais. Em tudo. Se amanhã ou depois ela fechar, acabou o lugar.

Bloco 3 - Paraíso Futebol Clube

Você conhece o clube? Pra te falar a verdade: nunca entrei (risos). [...] Aqui na usina eu nunca entrei também. Dependendo dela, meu trabalho depende dela mas nunca entrei (risos)

Já frequentou? Como? _____

Algum familiar já jogou no Paraíso? Não.

Algum familiar já foi diretor? Também não.

Qual a sua avaliação sobre o clube?

Não sei nem dizer, porque eu não entro muito em contato e não procuro nem saber, pra falar a verdade.

Na sua opinião, o que o Paraíso Futebol Clube representa para Tócos?

Não sei... Realmente não sei, [...] Porque eu entro pra trabalhar, fico trabalhando e não procuro muito saber.

Bloco 4 - Relação entre clube, usina e distrito

Você percebe algum tipo de integração entre a Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Tócos?

Eu acredito que tem ligação sim, porque eu vejo conversa aí entre o pessoal da usina com o clube, entendeu? Acredito que tenha sim. Não sei te explicar o que, mas tem.

Entrevista Luís Carlos “Neginho”, morador de Tócos, nascido em 77, vigia da Usina Paraíso e atual diretor da equipe amadora do Paraíso Futebol Clube (Entrevistado X)

1. O que você pode me dizer sobre o histórico/gestão da Usina Paraíso?

[a gestão] ficou com filhos...estava direto na mão deles. Agora que arrendou para a COAGRO. Agora, esse ano.

2. O que você pode me dizer sobre o funcionamento do clube pós-anos 70?

Rapaz, ficou um tempo bom... jogando com Robenilton. Mas só esse negócio de Taça Cidade de Campos, Campeonato de Farol... de modo amador, de 2002 e parou em 2015. Aí eu voltei agora (2018). (Antes) veio Vardinho, depois de falecido Vardinho veio Robenilton. [...] Ah, é antigo. Eu era novo e jogava ainda. Na época eu tava com 19 anos... Eu sou de 77. [...] eu peguei agora no ano passado. Fomos até campeões, na Taça Cidade de Campos... Agora o time está parado. Só vai voltar em 2020 por causa de moagem.

3. Quem integrava a equipe?

Os jogadores são daqui mesmo. Daqui da Baixada, daqui de Tócos, da cidade também, Ururaí, esses cantos assim... A gente faz uma mistura.

4. Existia alguma integração entre a Usina Paraíso, distrito de Tócos e Paraíso F.C.?

Os moradores ajudam... o time é uma tradição do local! O time deu uma parada, mas a turma pergunta quando vai voltar. Deu uma parada também por causa dos custos. Se a usina não ajudar, não tem como segurar. Gasta muito! Aí com negócio de moagem e arrendamento, estamos mexendo pra ver pra em 2020 voltar. Mas voltar amador. (Disputar) Taça Cidade de Campos, esses campeonatos amadores. Para não parar porque é tradição. Todo domingo a turma gosta de ver um jogo. [...] a usina ajuda, a localidade também ajuda.

Entrevista Tadeu, morador de Tócos, vigia da Usina Paraíso há 32 anos e ex-atleta do Paraíso F.C.: (Entrevistado Y)

1. O que você pode me dizer sobre o histórico/gestão da Usina Paraíso?

(a COAGRO) começou agora. A partir da semana passada teve esse acordo e passou pra gente. “A gente passamos” a saber na semana passado, que foi passada... a parceria (COAGRO + GRUPO PARAÍSO). A gestão era de Geraldo Coutinho mesmo, dos filhos Maurício, Gel... eles que continuaram. Ele (Geraldo Coutinho) morreu e deixou (a administração) em prol dos filhos. Gel é o mais velho, o Geraldo Filho, que passou a assumir. Agora por próximo era o Maurício que estava tocando. Até agora a COAGRO apanhar como arrendamento... Vamos ver se melhora pra gente. É porque a gente trabalha aqui, a gente mora aqui.

2. Qual o número de funcionários da Usina Paraíso?

A Paraíso agora só tá com cento e pouco. Para não dar como falido, eles tem que ter uma metade, né.

3. O que você pode me dizer sobre o funcionamento do clube pós-anos 70?

Do profissional ao amador. [...] Quem era de frente, na época, era Seu Vardinho. Mas faleceu. Era tudo. Pra nós ele era tudo(risos). Era diretor, era pai, era tudo. Seu Robenilton veio depois que Seu Vardinho faleceu (no início dos anos 2000), foi aí que Robenilton assumiu.

4. Quem integrava a equipe?

A maioria era daqui. Funcionários. Tudo empregado da Usina. Quem jogava no Paraíso, a usina arrumava serviço pra eles... Fiscal de lavoura, tratorista, várias funções em prol da Usina. O time era em prol da Usina. Eu mesmo fui um deles (risos). Eu jogava lá e trabalhava cá. Agora,

já não é em prol da Usina. Pega um daqui... de vários lugares. Isso começou na época de Robenilton.

5. Existia alguma integração entre a Usina Paraíso, distrito de Tócos e Paraíso F.C.?

O futebol, pra gente aqui, é o que tem de diversão. Antigamente, tinha clube... agora o pouco que tem é o futebol

Entrevista Luís Caldas, morador de Tócos, caldeireiro e antigo prestador de serviços da usina (68 anos) (ENTREVISTADO Z)

1. Qual foi a melhor safra alcançada pela Usina Paraíso:

Teve altos e baixos... O melhor período foi 2003, que fizemos 1.000.000 de sacas. Foi a melhor safra que teve em toda história. A usina sempre teve altos e baixos, né. Usina depende de lavoura. Então, a lavoura se tiver cana boa, o teor da cana sendo bom, a produção... a tendência é só melhorar, né. Tanto a produção de açúcar, quanto a de álcool. Tendo uma produção boa de açúcar, a tendência é fazer a produção de álcool excelente. Porque quanto mais moer mais melação sobra. Aí vai pra álcool.

2. O que tem a dizer sobre a localização da mão-de-obra da usina?

Sempre foi local. De fora, muito pouco. Sempre foi local aqui. Sempre foi da região. Essa foi uma das vantagens da usina.

3. O que tem a dizer sobre o futebol de usina da época?

Porque todas as usinas tinham seu time próprio. Existia o Campeonato do Interior, que era super respeitado (PESQUISAR). Mas era só praticamente usina, então os caras às vezes deixavam de jogar num time profissional pra jogar num time de usina, a troco do emprego. Naquela época o emprego de usina era excelente.. nos anos 60, anos 70... [...] Jogava com Goyatacaz, Americano. Paraíso tinha uma torcida grande, o time daqui era bom pra caramba. E a maioria do pessoal era funcionário da usina. A usina dava o emprego para eles jogarem futebol. Tanto aqui quanto nas outras aí também. Baixa Grande, Cambaíba tinha time bom. Era muito bom. Tinha Martins Lage, mas era só álcool. Um domingo à tarde de futebol aí era festa. Campo enchia. Mulherada! Torcida! Era lotado... Era festa. Qualquer lugar quando cruzava um Paraíso e Cambaíba, um Paraíso e Baixa Grande, Mineiros, Queimado, Poço Gordo... Só tinha time excelente. Só tinha jogador de bola bom. Só craque! Tinha Tadeu, Ronaldo mas do time tinha que pegar Tadeu mesmo. Eu joguei pouco por aqui. Mas Tadeu jogava bem... Pereira, Naldo. [...] O time sempre renovou mas teve uma geração de jogadores muito bons. [...] O time do Paraíso, ele é afiliado à Usina. O vínculo à Usina. O terreno também. Hoje pertence à Liga Campista. Mas sim, a sede é do Paraíso. Não sei se doou por definitivo, mas eu acho que nãoé doado não... Eles fazem eventos de ação social lá no campo

Entrevista Robenilton, ex-diretor do Paraíso de Tócos e ex-jogador. Atleta de 76 até início dos anos 2000 (58 anos) (ENTREVISTADO K)

[fala solta e iniciada antes das perguntas] ... o jogador, principalmente, o pessoal da casa, do lugar... eles não pagavam você assim um salário. Te arrumava emprego. Você jogava no time e era empregado da usina. Mas na hora de treino eles te liberavam. Geralmente, o treino era às 4, 3 horas ós “era” liberado. Mas também ganhava até o horário normal. Como se a gente estivesse trabalhando pela empresa.

O horário nosso era de 7 às 6, sendo que 3 horas nós “era” liberado, mas recebia té as 6 horas.

Qual era a sua função: era empregado da usina, mas eu estudava pelo SENAI ainda. Foi em 76 isso aí. Porque logo eu passei pro SENAI. Na época eles aproveitavam os melhores alunos e assinavam a carteira pra você. Você já era empregado da usina e, num período de férias, você ia pra usina trabalhar fazendo estágio.

1. O que você pode me dizer sobre o histórico/gestão da Usina Paraíso?

Rapaz, eu vou dizer a você que o que acabou com o futebol campista foi a subida de Goytacaz e Americano pro profissional no Rio. Assim que subiu acabou o profissional em Campos. Montaram um amador mas infelizmente falta incentivo. Enquanto a Usina teve perna, teve estrutura, era um dos melhores times. Ajudava pra caramba, tinha vários projetos...

Desde 76 prá cá eles vêm mantendo o Paraíso. O Paraíso sempre foi mantido pela usina. Desde que fundou o Paraíso, a a usina que sempre manteve aquilo aí.

Sempre o foi um time de ponta. Em 2000 e pouco, o mando de campo da base do Americano era lá}

2. O que você pode me dizer sobre o funcionamento do clube pós-anos 70?

Na época, 75/76, o Paraíso disputou o Otávio Pinto Guimarães que hoje é a 3ª Divisão, se eu não me engano é sim. Que o OPG cabou. Parou. E na época o Paraíso foi campeão. [era o profissional (PROCURAR NA LIGA se é o 3ª divisão ou juniores)]

Chegou até 76. Goytacaz e Americano foram jogar no Rio. Aí o profissionalismo aqui em Campos acabou, onde praticamente o futebol campista acabou, com a subida deles.

[...] Todos os clubes de usina “veio” pelo amador porque a liga (municipal) não manteve mais o campeonato profissional. Aí montou um amador especial, uma chave especial. Depois eles montara um achave industrial que era só os time de usina. [...] era a Série Industrial onde participava os times de usina: Paraíso, Cambaíba, Sapucaia, Outeiro que na época pertencia a Campos. Deixa eu ver... Baixa Grande... Sei que era um campeonato bom também. Era amador, mas era uma chave especial que tinha. Só participava os times de usina. [...] eu acho que chegou de 76, 77 a 84, 85 por aí. Tem vários anos...

O que você tem a dizer sobre a queda da economia do açúcar/usina?

Rapaz, aí você tá pegando mais a parte da usina. Com a queda da economia da... que o forte aqui era que a maioria das usinas sempre ajuda os clubes. Por exemplo: Paraíso, o time era principal do lugar, da localidade. São José, alí em Goitacazes. Cambaíba, em Cambaíba. Com a queda da cana, afetou um “cado” no futebol também. De 80, 84 por aí que começou a Petrobrás investir direto na prefeitura.

O Paraíso sempre dependeu apenas da Usina... quem ajudava muito na época era Jaime Siqueira, da Isalvo Lima. Ajudou muito o time lá. Patrocinava uniforme. Ele levou uns 4 ou 5 anos patrocinando uniforme da gente. Ele ajudava muito o time na época.

Como foi a recepção do título do Otávio Pinto Guimarães na comunidade?

Rapaz, foi muito festejado. Na época, teve, eu acho que a decisão foi aqui em Campos, entre Goytacaz e Paraíso. Teve jogador, de promessa, foi a pé daqui pra Tócos. Do campo do Goytacaz pra Tócos... do Americano”. Na época eu fazia parte do time, eu jogava. Lá amanheceu o dia. Festa na praça, fogos. Na época o time saía e era 2, 3 ônibus acompanhando o time. [...] Eu era juvenil, mas fazia parte do time principal. Era empregado, eu fazia Mecânica Geral no SENAI e na usina era ajustador mecânico, mas através do SENAI porque eu estudava e já era remunerado pela usina.

3. Quem integrava a equipe?

Depois que “cabou” o profissionalismo aqui em Campos, que Goytacaz e Americano subiu, a gente começou trabalhar com a base todinha da casa. Que aí, o que a gente fazia? Umapeneira alí, escolhia mais os jogadores da localidade e num período de safra, de moagem, né, a gente arrumava emprego pra eles. [...] De 80 pra cá a gente começou a fazer isso. Essa época com negócio de Petrobrás, a usina começou a cair. O time não tinha condição pra pagar jogador, como já era amador. Amador você não paga. O que a gente fazia? A gente escolhia até jogador mesmo daqui de Campos, arrumava ou um outro. A gente não dava salário, a gente arrumava um emprego pra ajudar as pessoas. Depois de 76 pra cá, que acabou o profissionalismo.[...] Antes era diversos jogadores. Vinha jogador do Rio, de Minas, de São Paulo. Tinha um tal de Silvinho, veio do juvenil do Fluminense. Depois apareceu um tal de Valmir, que saiu do Paraíso e foi direto pro São Cristóvão. Até o profissionalismo, vinha muitos jogadores de fora. Depois do amador que a gente começou a trabalhar com a casa.

(Sempre teve jogadores trabalhadores) mas era misturado. Quando era profissional, escolhia os melhores. A usina tinha condição, a gente arrumava fora. Muitos jogadores vinham fazer teste em Americano, Goytacaz. Chegava aqui, a usina dava apoio e tudo e ia direto pro Paraíso.

Depois do amador que a gente começou a trabalhar com a casa pra economizar despesa, porque também a usina já deu aquela caída, as usinas “começou” a começar já cair. Foi aonde, pra não parar o time, a usina “oh: vamos manter mas vamos trabalhar com a casa”. A prioridade era a casa. Até o profissional tinha mistura, mas sendo que a maioria era de fora no profissionalismo em 78. De 78 pra cá nós começamos a trabalhar com a casa, no amador. Que não adiantava no amador você ter um gasto danado e não ter retorno.

3. Existia alguma integração entre a Usina Paraíso, distrito de Tócos e Paraíso F.C.?:

Sempre o time foi apoiado e foi tocado pela usina e sempre com apoio da população. (a população) ajudava com presença. Sempre os jogos estavam cheios. A gente tinha esse projeto que a população participava de tudo. EM 2000/2002, a usina fez uma ação social junto com... aquele hospital escola que tem aqui em Campos... o Álvaro Alvim, exército. Todo meado do ano, sei que era esse mês julho, agosto, a gente fazia uma ação social lá, atendia negócio de 800 a 1000 pessoas. Como? Com médico, dentista. Essa parte social todinha. Você ia lá, se consultava. Na mesma hora, o médico, dependendo, te dava a receita. Se precisasse de exame, você já saía com o exame marcado. Sempre teve essa ligação: a usina - de frente -, Paraíso e a população. Fiz várias missas campal dentro do campo do Paraíso [...] na base de 2004, 2005, por aí. Acho que fizemos umas 6 missas lá no campo do Paraíso, porque o pessoal da usina era muito religioso também.

4. Havia outras opções de lazer no local?

Rapaz, ali tinha o futebol, né. Na época, antigamente, tinha o Cineclube Paraíso, não era deles mas levava o nome Paraíso. Eles eu acho que ajudavam em alguma coisa também. Porque eles nessa parte de ação social, eles ajudavam a comunidade [...] (O cineclube) era tocado por Jair Siqueira. [...] era morador da localidade. [...] é antigo também, de 80, 2000, 2006 por aí. Acho que nessa época Jair morreu.[...] do outro lado contrário tem o Cineclube, tá lá acabado, jogado. Alí teve muito baile bom, muita festa, evento e sempre a usina apoiando esses eventos.

5. Rivalidades: rapaz, se você “panhava” Paraíso e São José, era guerra, rivalidade. As todinhas quando cruzavam era rivalidade. Paraíso e Ururaí... O União depois que veio fazer parte da chave industrial, mas sempre eles disputavam uma chave diferente, porque eles não eram “profissional” na época, mas sempre Paraíso e União de Ururaí teve uma grande rivalidade. Fora Goytacaz e Americano. Quando batia com Paraíso era uma rivalidade danada.

6. Os diretores da usina se envolviam no futebol?

Nem todos. Alguns diretores da usina faziam parte da diretoria do clube. Aí a gente botava alguns da diretoria da usina e alguns da localidade, pra não botar só da usina. O presidente mesmo era André, filho de Doutor Geraldo. Dono da Usina e presidente do Paraíso [...] de 2000 até 2008, 2010 na morte dele... Por aí. Porque ele era presidente mas, aquele negócio, eu era vice. Mas, autonomia total, tudo, eu que comandava. Mas também tudo passava pra ele. [...] E tinha Cristina, que é irmã dele, dona também. A parte social, ela que tomava conta tudinho. Ajudava demais o time, gostava de projeto essas coisas, chamava a população pra dentro. Final de ano, depois, a gente inventava alguma coisa lá que ela doava presente pra população, a gente fazia sorteio. Aquilo lá era muito bom [...] da base de 2000 pra cá.